

PRÊMIO NOVA
1989

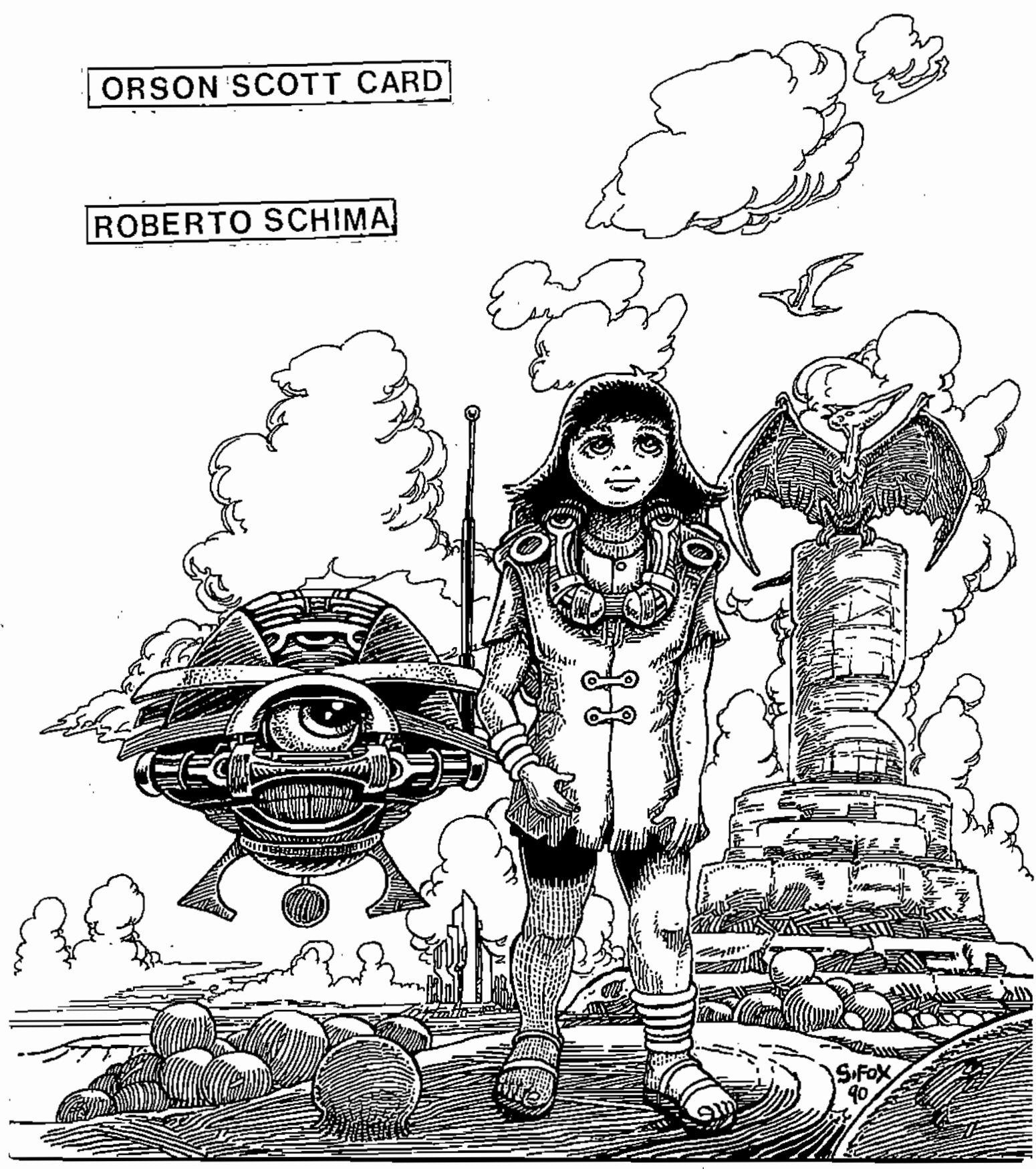
MEGALON

ANO III # 14 JAN/FEB 91

JORGE LUIZ CALIFE

ORSON SCOTT CARD

ROBERTO SCHIMA



NESTA
EDIÇÃO

I CONCURSO MEGALON "OS MELHORES DA FC"



Ano III Número 14 Janeiro/Fevereiro 1991

FUNDADORES: Marcello Simão Branco e Renato Rosatti

EDITOR: Marcello Simão Branco

Editor Assistente: Roberto de Sousa Causo

Colaboradores: Gilberto Schoereder, Jorge Luiz Calife, Miguel Carqueija e Orson Scott Card (USA)

EDITORIAL

SINAIS DE IDENTIDADE NA FC BRASILEIRA

Nos últimos anos têm-se discutido a importância de uma proposta temática e uma identidade própria para a literatura de ficção científica brasileira. Algo que retrate aspectos de nossa realidade, de nossa cultura e não simplesmente copie os paradigmas de uma FC desenvolvida, no caso a americana. A FC brasileira escrita até aqui tem seguido, salvo algumas excessões, o esquema de retratar elementos pertencentes à FC americana. Isso é compreensível, visto que nossa produção é ínfima e a importação também. Além de que os livros de FC estrangeira que chegam aqui, reportam ao gênero de a 30 anos atrás. Agora com a Coleção Zenith e a revista Isaac Asimov Magazine, começamos a conhecer o que se produz nos EUA na atualidade. Mas devemos nos atentar para o que já escrevemos. Temos alguns bons escritores outros tantos esperando uma oportunidade, mas é um número pequeno que não chega a uma dezena. É necessário abrir espaço para a produção de ficção. Pode parecer surrado mas serve: é da quantidade que sairá a qualidade. E isso se dará pela ação do fandom e suas atividades decorrentes. Neste momento é prematuro querer a imediata aparição de textos com características de um tipo ou de outro, de tal modo que marquem nossa FC. É do contínuo desenvolvimento e estruturação do movimento articulado de fãs, que os frutos eclodiram. Devemos atentar que o próprio fato de já se discutir uma FC com traços regionais, reflete a tendência clara de que a FC brasileira começa tenuemente a adquirir uma identidade própria. Todo país com uma atividade cultural diversificada, valoriza sua Cultura, sua Sociedade, sua História. O Brasil sempre viveu essa ambiguidade em todos os setores da sociedade: existe potencial humano, contrastado com a submissão e idolatria tola ao "que vem de fora". A discussão de uma FC que retrate traços regionais e culturais de nossa sociedade é pertinente, na medida que mostra o fortalecimento de nossa cultura, e que começamos a vislumbrar uma possível vertente própria que nossa FC está se encaminhando e que a torne algo perceptível e notável.

— O Editor

MEGALON é uma publicação independente e amadora. Periodicidade bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação do editor. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a do editor.

Recado aos colaboradores: por favor queiram entregar seus trabalhos até 15 DIAS depois de receberem este exemplar. Obrigado.

ENDEREÇO:Av. Clara Mantelli, 110
04771 São Paulo - SP Brasil

Agradeço a todos os que, direta e indiretamente, tornaram possível esta edição.

ÍNDICE

FICÇÃO

- Dois Dias na Vida de Alvin Pereira	Jorge Luiz Calife	6
- Vovó e as Bolotas	Roberto Schima	14
- Transmutações Biográficas I (HQ)	Fábio Benite e Carlos Alexandre	16

ARTIGO

+ O Espírito que Anda	Mr. Quadrinhos	22
-----------------------	----------------	----

SEÇÕES

- Editorial		2
- Diário de Bordo	Roberto de Sousa Causo	4
- I Concurso MEGALON "Os Melhores da FC"		25
- Ciência	Jorge Luiz Calife	
. Brasil perde Telescópio		26
- Galeria do Tempo	Miguel Carqueija	
. Missão Mercúrio		27
. O Desabafo do Homem Total		27
- Books to Look For	Orson Scott Card	29
- Classics	Gilberto Schoereder	
. Horror de Drácula		32
- Cartas		
. R.C. Nascimento		34
. Roberto Schima		34
. Renato Rosatti		34
. André Carneiro		35
. Miguel Carqueija		36
. José Carlos Neves		37

ILUSTRAÇÕES

- Roberto de Sousa Causo		9
- Steven Fox (USA)		capa, 30
- Kleber Inácio Luz		3, 24
- Adalberto José dos Santos		26
- Roberto Schima	10, 14, 15, 28, 30, 39.	



ROBERTO SCHIMA, conhecido autor-fã e ilustrador, colaborador freqüente do *Megalon*, foi o grande vencedor do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Editora Record através da *Isaac Asimov Magazine*. Schima receberá o equivalente a 1700 BTNs, em evento a ser realizado pela IAM, possivelmente ainda em abril. Schima também está estabelecendo contato com a Edições GRD e deverá participar com um conto inédito da antologia *Ficção Científica Verde-Amarela*, apresentando sendo organizada por ROBERTO DE SOUSA CAUSO, este seu colunista. JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES, JORGE LUIZ CALIFE e LUIZ MARCOS DA FONSECA, os Jurodos do Prêmio Jerônimo Monteiro, informam que a resposta, em número, ao concurso, foi muito elevada (há tanta gente assim escrevendo FC, ou a boa participação deve-se mais ao fato de ser um dos raros concursos com possibilidade de publicação imediata dos vencedores?), com um grande número de histórias longas. O nível de qualidade também parece ter surpreendido, com um bom volume de trabalhos publicáveis. Há uma sugestão de que a Record, além de publicar os vencedores na revista, edite antologias reunindo finalistas. "Fontes não-oficiais" informam que entre eles estão nomes como LEONARDO NAHUM FARIAS, GERSON LODI-RIBEIRO e FÁBIO FERNANDES, certamente com trabalhos merecedores de publicação.



Schima

A redação da IAM está tentando contatar parentes do falecido Jerônimo Monteiro, para participarem da cerimônia de premiação. Roberto de Sousa Causo foi o terceiro colocado no concurso. O segundo colocado também é um paulista. Aproveitamos para congratular mais uma vez o amigo Roberto Schima por essa vitória que marca o reconhecimento de seu talento como escritor, no qual sempre acreditamos. Ficamos torcendo para que sua carreira tenha intensa e produtiva continuidade.

O Ministro de Aeronáutica cancelou a carona de HENRIQUE VILLIBOR FLORY à Europa. Flory agora tanta ser recrutado como marinheiro em algum veleiro que faça travessia oceânica ou cabotagem pelo litoral brasileiro. Hipertativo, o autor paulista fechou contrato com o Colégio Objetivo, para a organização de um clube de literatura dentro dessa rede de cursinhos, e promete um concurso de contos de FC interno, para breve. Entrementes, dedica-se à quadrinização de seu conto "Feliz Natal 20 Bilhões", cuja primeira parte já foi terminada, com a quadrinização de ABREU e arte-final por Roberto de Sousa Causo.



Flory

Seu terceiro livro, *A Pedra que Canta*, uma nova coletânea de contos reunindo a produção de Flory até o momento, deverá sair pela FC GRD simultaneamente ao *Gibi*.

GERSON LODI-RIBEIRO teve a sua novela "O Dia em que os... manos Foram Embora" aceita para publicação no semi-prozine francês *Antares*, editado por JEAN PIERRE MOUMON. Por indicação do Gerson, as ilustrações de sua história serão feitas por mim. Brigado Gerson!

Juntamente com RONALDO FERNANDES, Gerson publicou na IAM 9 interessante artigo sobre a pesquisa de inteligências extraterrenas. É possível que uma versão ampliada no mesmo seja enviada à *Antares*. No mesmo número da IAM, resenha de FÁBIO FERNANDES para o romance *A Mãe do Sonho*, de IVANIR CALADO. É bom saber que a revista empanha-se em alcançar uma identidade brasileira.

Fábio está trabalhando num novo romance, *O Inimigo Interno*, que já se encontra em estágio avançado, enquanto prepara artigo sobre o Movimento Cyberpunk, a ser submetido à IAM. Fábio foi o grande esquecido da minha lista de promessas entre os autores-fãs, publicada no último *Megalon*. De culpe por essa!

JANE TEREZINHA DE SOUZA informa que o Clube de Ficção Científica Antares está passando por reformulação interna, voltando-se para atividades regionais, baseadas em Porto Alegre-RS. O fanzine do clube, *Boletim Antares*, voltou a circular através do esforço de um novo grupo de sócios, e em 15 de fevereiro foram promovidas eleições gerais que, espera-se, conduzam à renovação do clube gaúcho. Os fãs de outros estados aguardem o ressur-

gimento do *Antares* como expressão nacional do fandom. Para contato com o CFCA, escreva para caixa postal 2866 - Porto Alegre-RS CEP 20001.

ROBERTO NASCIMENTO está preparando um capítulo sobre o fandom brasileiro, a ser incluído no livro de referências no qual ele vem trabalhando há alguns anos. Solicita aos fãs que enviem infor-

mações sobre o movimento de fãs no Brasil, de qualquer tipo e em qualquer proporção. O trabalho pretende ser um guia emplo para o campo da FC/fantasia em língua portuguesa, e já dispõe de um capítulo sobre o fandom português, preparado por ALVARO HOLSTEIN FERREIRA, um dos fãs mais ativos de Portugal. Essa obra de Nascimento é muito interessante e bem elaborada. Presentemente ele investiga possibilidades de publicação tanto aqui quanto em Portugal — cujas coleções de FC formam o grosso do material abordado no volume. Nascimento também está estabelecendo contato com a Science Fiction Writers of America com o fim de tornar o CLFC membro da famosa associação, o que, se efetivado, pode fornecer valioso precedente para a internacionalização do fandom americano. O endereço de Nascimento: Cx. Postal 2209 - São Paulo-SP - CEP 01060.

LUIZ MARCOS DA FONSECA, presidente do CLFC e CARLOS ANDRÉ MORES, editor do fanzine do clube, o *Somnium*, informam a publicação de edição especial do fanzine, com impressão pelas máquinas da Ed. Record, dotada de capa escartolinada e mais de 100 páginas com contos, artigos e informações. A edição é comemorativa dos 5 anos de existência da entidade e a tiragem foi de 300 exemplares. Memorável em todos os santidos. Para pedir o seu, escreva para Av. Prof. Jorge Correia, 1259 - Araquara-SP - CEP 14800.

GUMERCINDO ROCHA DOREA, da Ficção Científica GRD, tenciona lançar ainda em abril o romance *Linha Terminal*, de JORGE LUIZ CALIFE, volume fecho da trilogia *Padrões de Contato*. Uma versão condensada de *Linha Terminal* foi publicada no *Megalon*. Novas histórias de Calife devem aparecer no fanzine. Entrementes o autor carloca está produzindo artigos e resenhas para a IAM e foi convidado por JEAN-PIERRE MOUMON a participar de uma anto-

logia internacional de FC.

SILVIO ALEXANDRE FERREIRA NETO, editor responsável pela Coleção Zenith, informa que está elaborando o "Catálogo de Ficção Científica" para a *Revista HQ*. Esse novo espaço dedicado à divulgação de FC no Brasil está aberto aos que tiverem notícias sobre lançamentos de livros, eventos, etc. Comuniquem-se com Silvio escrevendo para Av. Dr. Luiz Nigliano, 1110 - terceiro andar - São Paulo-SP - CEP 05711.

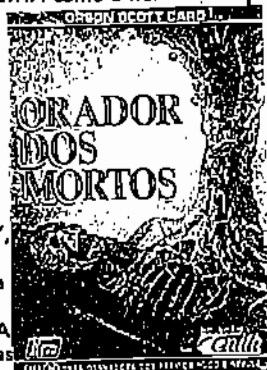
Ficção Científica Verde-Amarela é o título de uma antologia de autores nacionais que está sendo organizada por ROBERTO DE SOUSA CAUSO. A antologia pretende reunir contos inéditos de uma amostragem representativa de autores nacionais que atingiram a esfera profissional na década de 1980 ou que terão trabalhos publicados nos anos que se seguirão, e já conta com compromisso de avaliação por parte de uma editora. Os autores a serem contatados são: ANDRÉ CARNEIRO, BRAULIO TAVARES, FINISIA FIDELI, HENRIQUE FLORY, IVAN CARLOS REGINA, IVANIR CALADO, JORGE LUIZ CALIFE, JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES, MARIEN CALIXTE, ROBERTO SCHIMA, SIMONE SAUERESSIG e possivelmente CARLOS ANDRÉ MORES, que recentemente publicou o seu muito citado "A Ira de Tupã" no jornal cultural *Verde*.

RENATO ROSATTI, antigo co-editor deste fanzine, lançou recentemente nova publicação amadora, *Vortex*, dedicada à FC e ao horror no cinema. O número 0 que foi veiculado apresenta um bom nível no aspecto visual. Promete ser boa opção para os cinéfilos. Escreva para R. Irmão Ivo Barnardo, 40 - São Paulo-SP - CEP 04773.

BRAULIO TAVARES esteve, nos dias 5, 6 e 7 de outubro passado, no Festival de MPB de Ilha Solteira, onde foi premiado com o 3-lugar e o prêmio para Melhor Letra. Braulio quis expor seu talento musical durante a InteriorCon, mas os organizadores do evento não foram capazes de lhe conseguir um violão. Seu livro *A Espinha Dorsal da Memória* continua recebendo boas citações. Repetidamente o conhecido crítico, tradutor e poeta JOSÉ PAULO PAES o incluiu entre os melhores livros de 1990.

Amorçula, o segundo romance de ANDRÉ CARNEIRO foi confirmado por SILVIO ALEXANDRE FERREIRA como o número 4

de cada vez mais prestigiada Coleção Zenith, que acaba de lançar o aguardado *Orador dos Mortos*, de ORSON SCOTT CARD. O livro foi recentemente resenhado por HENRIQUE FLORY, agora incluído entre os colaboradores da revista *Veja*, na área de resenha de FC. A Zenith já tem em suas mãos *Xenocide*, há po-



co lançado nos Estados Unidos, e terceiro volume da série *Ender*, de Card.

Raising Star é um fanzine editado por SCOTT E. GREEN, dedicado ao censo de mercados pagos para FC, fantasia e horror, no mundo todo. Mr. Green recentemente estabeleceu contato com vários fanzines brasileiros. Se você conhece alguma publicação de FC que pague pelo que publica, aqui no Brasil, escreva para Green (e para nós também!). "Abaixar veje" o endereço dele:

#7: Blyedge Rd.
Manchester, NH 03104
USA

Os livros Interativos de fantasia começam a fazer sucesso no Brasil. A editora Marques Saraiva, do Rio de Janeiro, arriscou uma tiragem de 10 mil exemplares de *A Cidade da do Caos*, de Steve Jackson, e o investimento já foi compensado.

Um segundo livro da série — que se chama *Fighting Fantasy* — já foi lançado com o mesmo sucesso: *A Floresta da Destruição*, de Ian Livingstone. Para breve, é possível que tenhamos os primeiros Role Playing Games em português, pois algumas editoras já estudam a possibilidade de comercialização desses jogos onde o jogador é parte da história, e que se tornaram uma manja internacional. ROBERTO NASCIMENTO está tentando articular um grupo de interesse em RPG dentro do CLFC.

Fantasia também está em alta através da Editora Melhoramentos, que lançou em 1990 a antologia *Encantamentos*, organizada por Isaac Asimov, Martin H. Greenberg e Charles G. Waugh. Em 1991 foi a vez de *Magos*, pelos mesmos editores.

Já o horror começa a receber fôlego novo através da publicação das coletâneas *Livros de Sangue* (com o volume II traduzido por FÁBIO FERNANDES), de Clive Barker, já visto no Brasil com o romance *O Jogo da Perdição* e o filme *Hellraiser — Renascido do Inferno*.

—ANDRÉ CARNEIRO confirma que coordenará nova oficina literária de ficção científica junto à Casa Mário de Andrade, dentro do programa Oficina da Palavra. André já dirigiu a bem sucedida oficina "A Magia da Ficção Científica", em 1990, junto ao mesmo programa. A nova oficina deverá iniciar-se provavelmente em abril. Informações através da Casa Mário de Andrade, R. Lopes Chaves, 546 - Barra Funda - São Paulo-SP - CEP 01154 - F.: (011) 66 5803.

—Temos informações de que um grupo de editores portugueses ligados à ficção científica criou uma nova editora, chamada Disórdia, que pretende abrir espaço para a FC em língua portuguesa, editando uma antologia de autores portugueses e brasileiros. Um dos nossos autores que forneceu material para avaliação foi GERSON LODI-RIBEIRO. Já JOSÉ MANUEL MORAIS, editor da área de ficção da revista portuguesa OMNIA, está entre os criadores da nova casa edi-

tora. Para obter informações, escreva para Morais, Av. Roma, 93-C/v Esq^o - Lisboa - Portugal - 1700.

—HENRIQUE FLORY e um grupo de fãs de São José dos Campos estão estudando a possibilidade de realização de uma ampla convenção de ficção científica nessa cidade, tendo como local as instalações do Instituto Tecnológico Aeroespacial, o ITA. Poderá ser mais uma excelente oportunidade para o estabelecimento de convenções anuais no país.

INTERNACIONAL

RESULTADOS DO WORLD FANTASY AWARDS 1990:

MELHOR ROMANCE

Lyonessa; Madouc, Jack Vance (recentemente alvo de palestra ministrada por Ivo Luiz Helnz, em reunião do CLFC)

MELHOR NOVELA

"Great Work of Time", John Crowley

MELHOR FICÇÃO CURTA

"The Illusionist", Steven Millhauser

MELHOR COLETÂNEA

Richard Matheson; Collected Stories, Richard Matheson

MELHOR ANTOLOGIA

The Year's Best Fantasy; Second Annual Collection, Ellen Datlow e Terri Windling, eds.

MELHOR ARTISTA

Tom Canty

PRÊMIO ESPECIAL/PROFISSIONAL

Mark Ziesing Publications

PRÊMIO ESPECIAL/NÃO-PROFISSIONAL

Grue Magazine, Peggy Nedramin

PRÊMIO POR REALIZAÇÕES NO CONJUNTO DA OBRA

R. A. Lafferty

RESULTADO DO PRÊMIO GRYPHON PARA MELHOR ROMANCE INÉDITO DE FANTASIA ESCRITO POR UMA MULHER — 1990

A Dream of Drunken Hollow, Lee Barwood

A vencedora fatura US\$ 500, uma placa alusiva à vitória e contato para publicação do romance. Participam apenas escritoras que publicarem não mais de um livro no campo da fantasia.

—The Chronic Riff é um programa de TV a cabo relacionado com FC, abordando discussões sobre FC e fantasia, quadrinhos e romance gráfico, com participação de autores conhecidos. O programa também anuncia a criação de um novo prêmio, o Roundtable Award, em 12 categorias.

—As revistas Aboriginal SF, americana, e Interzone, inglesa, trocarão suas edições, cada uma publicando o material selecionado pela outra, por volta de julho-agosto. A interessante iniciativa tem por objetivo "celebrar o crescente senso de internacionalismo no mundo".



—Joe Haldeman (acima), que venceu o Hugo por seu romance The Forever War, foi o roteirista da produção Robot Jox, pela produtora de Charles Band, conhecido realizador de filmes B. Robot Jox vem recebendo resenhas negativas, mas Haldeman continua flertando com o cinema, e vendeu os direitos de seu mais recente romance, o bem recebido Buying Time.

—A noveleta "Rel da Manhã, Rainha do Dia", que apareceu no IAM 8, foi transformada em romance por seu autor Ian McDonald, a ser lançado nos USA em junho.

—Ben Bova terminou a pouco o romance The Trikon Deception, escrito em colaboração com o astronauta Bill Pogue.

—John Barnes, autor da novela "O Limite da Visão" (IAM 8), escreveu o romance Sin of Origin, passado no mesmo universo da referida novela. Orson Scott Card diz sobre Barnes: "Barnes nos

leva... do modo que Heinlein costumava fazer".

—Nicci é um romance de M. Sheyne Ball, uma expansão do conto homônimo publicado na Asimov americana, onde americanos e brasileiros vivem juntos num mundo cuja principal exploração comercial são pequenos seres vivos, os nicci.

—Morreu em 2 de novembro de 1990 Donald A. Wollheim, responsável pela linha de FC/fantasia DAW Books, e uma das figuras mais importantes na história da formação da ficção científica norte-americana.

Donald Allen era viciado em FC desde os 13, e na década de 1930 tornou-se um dos mais antigos membros do fandom, colaborando com fanzines e associando-se à maioria dos clubes de FC existentes, com atuação sempre destacada. De fato, reporta-se que ele estava na linha de frente da cada-discussão, briga ou polêmica registrada no fandom durante os anos 30 e início dos 40.

Wollheim foi o responsável pela primeira convenção de FC de que se tem notícia, realizada em Philadelphia em 22 de outubro de 1930, reunindo um grupo de fãs de New York e um de Philadelphia. Todas as convenções que se seguiram nasceram desse encontro.

Em 1937 organizou a Fantasy Amateur Press Association, o primeiro grupo amador dedicado à FC, a organização ainda existente. O fanzine The Phantograph, editado por ele, foi uma das publicações mais duradouras da FAPA.

Em 1938, juntamente com vários amigos, formou o histórico clube The Futurians, tão ativo e intenso que vários de seus membros (que incluíam Poh), Kornbluth, etc.) foram excluídos da primeira convenção mundial sob a alegação de constituírem influências perigosas.

Donald A. Wollheim, com todo o seu potencial para polêmica, percorreu um longo caminho dentro do campo profissional da ficção científica, que ele próprio ajudou a moldar. De fã, a praticamente todas as áreas de atuação, oxetando a ilustração. Como autor, escreveu várias dúzias de contos nos 40 e início dos 50. Foi editor, em 1941, de Stirring Science Stories e Cosmic Stories, que tiveram vida curta, mas permitiram a ele incluir a edição em seu currículo.

Seus feitos nessa área, incluem: a primeira antologia de FC distribuída em mercado de massa, The Pocket Book of Science Fiction (1943); a primeira antologia capa-dura, na área de FC, publicada por uma editora de peso e o primeiro guia para a FC, Viking Portable Novels of Science Fiction (1945); em 1949, editou a primeira antologia completamente original, The Girl With the Hungry Eyes.

Em 1952, iniciou com A. A. Wyn, a entrar no mercado de brochuras, e ambos iniciaram a Ace Books, ainda hoje uma das líderes no mercado de FC nos USA. Ali, Wollheim desenvolveu ou ajudou a desenvolver nomes como Robert Silverberg, Marion Zimmer Bradley, Paul Anderson, John Brunner, Avram Davidson, Philip K. Dick, Damon Knight, Ursula K. Le Guin, A. E. Van Vogt, Jack Vance, entre muitos.

Terry Carr, que mais tarde seria o primeiro editor de livros a receber o Hugo para o melhor editor, foi um contratado de Wollheim, a partir de 1964. Carr levaria a cabo a famosa linha Ace Specials.

Wollheim foi ainda responsável pelo estabelecimento da série Dune, pelo ressurgimento de Edgar Rice Burroughs como norma de apelo geral, bem como os trabalhos do hoje cultuado J.R.R. Tolkien.

A Ace foi vendida em 1968, após a morte de Wryn.

Wollheim pulou fora quando percebeu que os novos proprietários nada entendiam de publicação, e fundou sozinho a DAW Books, uma linha que demarcou o padrão de apresentação para os colecionadores.

Premiado, considerado e virtualmente uma das figuras-chave na construção do sucesso editorial que é a FC nos USA, hoje, Donald A. Wollheim é também um exemplo da tese de que para levar a FC a seu merecido lugar de destaque, temos que contar principalmente com os fãs.



Donald Wollheim (1914-90)

—Morreu, vítima de câncer no seio, em 17 de outubro passado, Gertrudes Blugerman Asimov, primeira esposa de Isaac Asimov, de 1942 e 1973, aos 73 anos.

CALENDÁRIO DE EVENTOS

ABRIL — 25 — Entrega do Prêmio Jerônimo Monteiro, Observatório Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

27 — Palestras CLFC: "Prototificação Científica" por Roberto Nascimento.

MAIO — 22 — V. Mostra de Ficção Científica de São Paulo. O mais tradicional evento ligado a FC no Brasil. Palestras, debates, exposições, etc. A ser confirmada para fins de maio ou início de junho, em São Paulo-SP.

JUNHO — 29 — Palestras CLFC: "Ficção Científica e Parapsicologia", por André Carneiro.

JULHO — 27 — Palestras CLFC: "A Saga dos Dragões de Anne McCaffrey", por Maria Ângela Bussoloti.

AGOSTO — 31 — Palestras CLFC: "Novos Materiais e a Ficção Científica", por Olabilac dos Santos Victor.

SETEMBRO — 28 — Palestras CLFC: "John W. Campbell", por Roberto de Sousa Causo.

OUTUBRO — 26 — Palestras CLFC: "Ray Bradbury", por Roberto Schima.

NOVEMBRO — ? — II InteriorCon, a Convenção de Ficção Científica do Interior de São Paulo. Palestras, debates, exposições, etc. Data a ser confirmada para outubro ou novembro. Sumaré-SP.

30 — Palestras CLFC: "FC e Realidade Científica", por Carlos André Mores.

Nota: As palestras promovidas pelo Clube de Leitores de Ficção Científica acontecem todo último sábado de cada mês, na Livraria Paisagem, Av. São Luiz, 192 - lj. 17 - Galeria Louvre - São Paulo-SP.

DOIS DIAS NA VIDA DE ALVIN PEREIRA

por JORGE LUIZ CALIFE

Depois de Linha Terminal (MEGALON #12), Calife volta às nossas páginas com duas histórias pertencentes ao universo de seu romance inédito Videorama. Em linhas gerais, segundo o autor: "... o romance é sobre uma equipe de tv de futuro, que filma um seriado em locação no espaço, numa época de crise para atores e realizadores. É o seriado que eles filman é "O Surfista Estelar", com as aventuras de Alvin Pereira que se desenrolam ao longo do livro, paralelamente aos dramas das pessoas que fazem o seriado." Neste ano aguarda-se o lançamento do romance Linha Terminal pela PC GRD, e que estas histórias incentive a publicação de Videorama também.

I - O SURFISTA

- Essa é das grandes.

Era um comentário totalmente desnecessário. O vagalhão erguendo-se como uma montanha à nossa frente já estava com 500 mil quilômetros de altura e continuava crescendo com toda a disposição para cobrir o céu.

A velocidade com que aquela montanha de fogo surgira e tomara forma era totalmente enganadora. Você poderia colocar um planeta do tamanho da Terra na crista daquele maremoto de plasma e o planeta ficaria parecendo uma ervilha. A escala daquela paisagem infernal era grande demais para a compreensão humana e no entanto tudo se movia tão rapidamente que as verdadeiras dimensões acabavam ocultas. A mente simplesmente não aceita que uma coisa com um milhão de quilômetros possa surgir, tomar forma e desaparecer no espaço de alguns minutos.

Na superfície de um Sol é sempre assim. Tudo é grande demais, rápido demais e o nosso barco solar tinha que avançar a uma velocidade de 100 quilômetros por segundo para poder tirar vantagem dos campos magnéticos que surgiam e desapareciam à nossa volta.

Voávamos reçoando a superfície de um oceano incandescente maior que um milhão de mundos e abaixo de nós a face da estrela fervia, criando e detonando bolhas de hidrogênio flamejante maiores do que planetas. Linhas de força magnética saltavam em arcos invisíveis atravessando o

céu e o gás eletrificado da superfície solar subia por esses tubos de fluxo, formando efêmeras pontes de fogo com centenas de quilômetros de altura. Estruturas que logo se desfaziam e desmoronavam para ressurgir em outro lugar e novamente cruzar o céu em arco-íris cegantes.

O vagalhão subindo diante de nós estava seguindo esse caminho e era preciso tomar uma decisão rápida. Tentar contorná-lo ou escalar a formação. Ouvi Glória dizer alguma coisa como "linhas de fluxo convergindo", encolhi os ombros e disse: Vamos em frente!

O barco solar subia pela encosta da montanha de fogo como um salmão escalando uma cachoeira. A perspectiva mudou inteiramente. Agora era a superfície da estrela que formava um paredão atrás de nós enquanto uma estrada de gás incandescente parecia nos conduzir ao encontro de negrume infinito.

É claro que tudo que víamos era uma representação computadorizada do mundo exterior. A intensidade luminosa daquele mundo incandescente tornaria a retina de um ser humano desprotegido e qualquer matéria sólida exposta naquele ambiente explodiria instantaneamente numa nuvem de átomos enlameados.

Um barco solar tem que ser uma obra de engenharia sem igual. O casco, feito de cerâmica supercondutora, criava uma concha magnética que fazia os fogos solares fluírem à nossa volta sem jamais tocarem a estrutura sólida da nave. Era essa be

lha magnética que nos fornecia propulsão ao escorregar pelos campos de força da superfície da estrela. O isolamento térmico era garantido por um campo polarizador que refletia para fora toda a energia radiante incidindo sobre nós. Visto de fora um barco solar parece um ovóide espelhado, refletindo toda a luz e radiação. Podíamos atravessar o centro de uma explosão atômica sem sentir nem um solavanco.

Essa proteção permitia que eu e Glória continuássemos em mangas de camisa, dentro do nosso casulo refrigerado, enquanto a temperatura ambiente, lá fora, chegava a dois milhões de graus Celsius. Com toda a ultratecnologia envolvida, a navegação solar ainda é um negócio perigoso e muito surfista estelar já desapareceu sem deixar vestígios, deintegrado numa pane imprevista.

Eu apostava que isso nunca ia acontecer comigo, afinal a gente nunca acredita que possa acontecer conosco, só com os outros e naquele dia admito que cheguei a abusar da sorte. Atingimos o tope do arco de plasma e começamos a cair rapidamente em direção a superfície estelar. Agora era o momento mais perigoso. Se pegássemos a linha de fluxo errada seríamos sugados para o interior da estrela onde a turbulência nos destruiria. Glória era uma excelente navegadora, já tinha feito isso várias vezes, mas eu ainda sentia aquele friozinho gostoso na boca do estômago. No espaço é sempre assim, a gente passa do deslumbramento para o terror absoluto em questão de segundos. Medo e a euforia correndo juntos e fazendo uma pessoa se sentir realmente viva.

Estávamos na frente e todos os outros barcos da regata tinham ficado para trás. Um sinal de aviso chegou pelo canal de neutrino e ouvi uma mensagem de advertência do Hades, uns 600 mil quilômetros atrás e a esquerda de nós.

- Tenha cuidado Prometeu. Estamos captando fortes flutuações de campo adiante de vocês.

Pedia ser um campo de manchas solares, e que é outra coisa a ser evitada. Elas crescem de repente, fazendo a superfície estelar desabar num vórtice imenso, por milhões de milhas. Antes que você possa perceber

o que está acontecendo foi arastado para baixo e aí adeus viola!

Mas os computadores de bordo são construídos para reagir em frações de segundo e em 99% dos casos não há problema. Em caso de azar eu contava com a habilidade da Glória pra me tirar de qualquer sufoco.

- Campo declinando rápido. 2,6 teragauss e decaindo, linhas de fluxo desaparecendo!

A ponte incandescente, que nos levava através do céu, estava se desmanchando mas a gravidade nos puxaria para baixo.

- Vamos acelerar. O tornado já está bem na frente.

O tornado era o nosso meio de sair dali. Estávamos na superfície de uma estrela dupla cuja matéria era lentamente sugada pelo pulsar acima de nós. O pulsar era algo como uma lua fosforescente e esverdeada, pairando acima do oceano de chamas. Sua gravidade sugava o plasma estelar formando uma tromba incandescente que subia para o espaço, enroscava-se em torno da "lua" verde e desaparecia ao colidir com sua superfície num clarão ofuscante contínuo. Duas linhas de luz violeta, brilhantes como raios, partiam dos polos daquela coisa lá em cima e sumiam no infinito. Não haveria problema se subíssemos pela tromba de fogo, acelerando ao longo do equador do pulsar até sermos arremessados para o espaço. Só tínhamos que evitar os polos e acelerar para fora da gravidade do pequeno sol de neutrons antes de atingir o ponto em sua superfície onde a matéria era aniquilada.

- Base da tromba em um minuto. Todos os sistemas verdes. Pronto para acelerar ao seu comando.

Ninguém tinha tentado essa manobra antes e os outros barcos de salte esperavam uma protuberância maior para serem lançados de volta ao espaço. O impulso na estrela de neutrons ia nos jogar na linha de chegada dias na frente dos outros e garantir nosso lugar nos livros de história. Já tínhamos feito isso umas dez vezes em simulações no computador e não havia razão para acreditar que não fosse dar certo no mundo real. Nossos modelos matemáticos eram um bowado bons e eu

acredito que um dia as naves estelares vão fazer essa manobra como rotina ao acelerarem para fora de sistemas solares binários como este.

O sinal de neutrino sumiu com outra mensagem de advertência de Ha-des. - Mude o curso Prometeu, vocês estão a ponto de serem sugados pelo pulsar!

- É esse o nosso objetivo.

O mundo girou novamente à nossa volta enquanto redopiávamos na base do ciclone incandescente e começávamos a ascender, acelerando em espirais em torno de um eixo com milhares de quilômetros de espessura.

- Aceleração constante agora. Aviseu Glória. - Acumulando energia para o delta V final.

- Firme no curso.

A medida em que iam subindo naquele rio de fogo a superfície do sol vermelho ia adquirindo uma curvatura perceptível lá embaixo. Podiamos vê-lo agora como o turbulento mar de plasma que era, com suas vagas saltando e entrecrocando-se para cair de novo, prisioneiras da gravidade.

Nessa embarcação tinha escapado da prisão gravitacional, atraída pela gravidade mais poderosa da estrela de neutrons. Sua gravidade, milhões de vezes maior que a terrestre, teria nos esmagado instantaneamente não estivéssemos despençando em queda livre em sua direção. Você pode estar dentro de um campo gravitacional poderoso e ainda assim não ter peso, basta estar acelerando constantemente nesse campo.

O rio de fogo ia mudando de cor a medida em que entrávamos em órbita equatorial em torno do pulsar. O plasma laranja da estrela gigante brilhava agora amarelo, tornando-se dourado para mergulhar adiante no verde e no azul violeta a medida em que sua temperatura atingia os 5 mil graus Celsius. O barco solar estava em seu elemento por enquanto, mas lá embaixo, na superfície daquele núcleo atômico com 15 quilômetros de diâmetro, havia um meio ambiente alienígena que nenhuma máquina feita pela mão do homem pudera desafiar. Ainda.

As mensagens no canal de neutrino estavam ficando frenéticas.

- Prometeu, Prometeu, vocês precisam de ajuda?

- Estamos bem, ganhando energia no campo gravitacional do pulsar para acelerar de volta ao espaço.

- O comodoro adverte que esse tipo de manobra não consta nos manuais.

- Diga a ele que estamos escrevendo um novo manual.

- Ponto de ruptura à frente, avisou Glória. - Prenta para o delta V final.

Uma alvorada cegante começava a despontar no horizonte do pequeno mundo de neutrons. Era hora de usarmos toda a aceleração extra que tínhamos roubado daquele campo gravitacional poderoso para cair fora dali.

- Campos inerciais ao máximo. Delta V final!

Pulamos fora da espiral de fogo como uma pedra escapando de um estilingue. O espaço negro nos envolveu enquanto a nave brilhava como uma estrela, irradiando para o espaço toda a energia acumulada em seus campos. Deu o grito de guerra dos surfistas estelares e Glória olhou para mim sorrindo.

- Brilhante Prometeu! disse a voz no canal de neutrino. - A comissão de árbitros ainda não sabe se vocês ganharam a regata ou se estão desclassificados. Uma coisa é certa, ninguém vai passar vocês no caminho de volta para Syntrom.

Podia apostar que não. Tínhamos acumulado tanta velocidade que se não começássemos a desacelerar logo íamos escapar inteiramente desse sistema solar e entrar num cruzeiro interestelar.

- Como está a nossa curva de temperatura?

- Decaindo rápido. Estou desligando a bolha refletora.

- Libere o freio Alfvén.

Livre de seu casulo espelhado a nave exibia agora sua estrutura de cerâmica com o módulo de comando aerodinâmico e os painéis orientáveis da propulsão transfinita. Uma concha traseira se abriu, como uma flor e as pétalas do sistema de frenagem Alfvén desabrocharam como asas de uma crisálida. Iamos descarregar nossa energia cinética no vento estelar de modo a poder entrar em órbita de Syntrom, nosso porto de origem.

- Encontro com Syntrom dentro de

42 horas TSB. Avisou Glória. - Pode apreciar a viagem comandante.

O desempenho dela tinha sido esplêndido como de hábito. Fisicamente Glória parecia uma garota esguia, de uns vinte e poucos anos de idade. Tinha a pele com uma cor de luar e cabelos dourados como o plasma estelar que tinhamos deixado para tras. O resto oval, de traços finos, delicados, podia ter pertencido a alguma fada ou ninfa mitológica.

Glória tinha um jeito gracioso de boneca, o que não era nada extraordinário, levando-se em conta que ela era uma andróide bastante sofisticada, de uma série muito reduzida, produzida pela Criogenésis. Mesmo sabendo que não era uma moça de verdade, apenas uma réplica muito bem feita, eu gostava da companhia dela. Seus projetistas tinham criado uma obra de arte e eu achava que Glória parecia um pedaço roubado do sonho de alguém. Alguém que a gente acha que pode existir apenas em nossas fantasias até que os engenheiros cibernéticos começaram a imprimir seus ideais de beleza em equações biônicas.

Talvez Glória fosse realmente uma cópia de alguma garota que tinha vivido há muito tempo. A imagem de uma jovem atriz ou dançarina regatada num velho holocube. Ou talvez fosse a materialização de um ideal que nunca tivesse existido senão nalgum desenho ou pintura. De qualquer forma ela estava ali, compartilhando comigo daquele ponto da eternidade e era maravilhoso tê-la ao meu lado.

As vezes ela parecia tão curiosa a meu respeito quanto eu a respeito dela. Como agora, olhando para mim com aqueles olhos verde esmeralda que pareciam bonitos demais para serem naturais.

- Por que você faz isso Alvin? Ela perguntou.

- Isso? Isso é que?

- Arriscar a vida na superfície de uma estrela. É uma

coisa que eu não entendo nas pessoas. A vida humana já é naturalmente tão curta. Por que os humanos fazem tudo para torná-la ainda mais breve?

A série Maxine da Glória tinha um tempo de vida estimado em, no mínimo, 2 bilhões de anos. Aquela garota não ia envelhecer nunca e continuaria andando por aí, imutável, quando seus criadores já estivessem há muito tempo convertidos em pó. Teoricamente os andróides da série dela são réplicas humanas imortais. Vão viver até o fim de Universe, com alguns ajustes periódicos é claro.

- Por que você faz Glória? Você pode viver pra sempre se tomar cuidado. Por que me acompanha correndo os mesmos riscos de um mortal?

- Eu perguntei primeiro.

- Bom, se você jogar um ser humano na superfície de uma estrela, sem proteção eu digo, ele morre instantaneamente. Aí a gente cria uma tecnologia pra sobreviver onde a sobrevivência seria impossível e vai até lá e enfrenta o perigo de frente. E quando se passa por tudo aquilo é como se nós estivessemos nascendo de novo. A gente sente como se estivesse vencendo a morte, cuspidando na cara dela e indo embora. E por um breve momento temos o gosto da imortalidade na boca. Muito embora seja apenas um sonho, uma fantasia.

- Foi por isso que vocês nos fizeram a sua imagem e semelhança não? Porque através de nós vocês se tornam imortais.

- Os nossos ideais de beleza se tornam imortais. Os nossos sonhos eu acho. E a gente vive um pouco mais dentro deles.

Ela ficou olhando para as estrelas um pouco, exibindo pra mim o perfil daquele rosto tão bonito e delicado.

- Agora é sua vez Glória. Por que você vai lá, brincar de pular fogueira com as chamas estelares?

- Eu não vejo as coisas exatamente como você vê.

- Eu sei, os seus olhos enxergam um espectro de frequências um pouco



mais amplo que os humanos. Vai do ultravioleta ao infravermelho não? Mais luz polarizada.

- Depende da graduação que eu der. Mas eu enxergo coisas que você não vê. A superfície das estrelas é importante pra mim, pros outros da minha geração. Há coisas lá que estão no nosso futuro. Coisas que vamos ter que entender um dia.

- Coisas?

- A espécie humana vai se extinguir mais cedo ou mais tarde. É a ordem natural das coisas. Vocês não precisam se preocupar com o que vai acontecer no Universo daqui a um bilhão de anos. Vocês não vão estar por aqui. Mas nós vamos. De certa forma somos os sucessores da humanidade. Ao projetar em nós os seus ideais de beleza e perfeição, vocês criaram o degrau seguinte da evolução. Nós somos perfeito Alvin, porque fomos o produto de combinações genéticas aleatórias como a humanidade. Somos a forma humana projetada em equações matemáticas que não abrem espaço para incertezas ou imperfeições. Somos a síntese do que de melhor havia em vocês.

- A Criogênese ficaria orgulhosa com esse discurso. Eles programaram isso em sua mente não? Durante os testes de apresentação.

- Eu falo sério Alvin. É por isso que gostamos tanto de vocês, porque nos legaram aquilo que tinham de melhor.

- E o que tem o surf estelar a ver com isso?

- Há energias tremendas em movimento junto a superfície de uma estrela. Os barcos solares evitam porque navegam isolados por campos magnéticos muito poderosos. Mas há coisas por lá que você nem imagina. É possível que naquele mar de energias existam aberturas para outros universos. Às vezes eu vejo coisas por lá que não podem existir nesse mundo, mas que entram aqui brevemente através das pontes que a energia do mar de fogo abre no tecido do espaço e tempo. Existe algum tipo de vida por lá Alvin. Não vida como você conhece, mas alguma forma de plasma tentando se organizar e sobreviver na fronteira do mundo da matéria sólida, assim como vocês, os surfistas estelares, brincam na superfície dos mundos de fogo. Um dia eu e meus semelhantes

vamos ter que encarar essas coisas e pedir a ajuda a elas para deter a entropia do Universo, antes que o caos final nos consuma. E você não vão estar aqui para nos ajudar Alvin. Nós vamos estar sós, terrivelmente sós.

- Faremos o possível pra não abandonarmos o barco enquanto pudermos.

- Eu sei, vocês fazem o melhor que podem. Agradecemos muito.

O canal de neutrino entrou em funcionamento outra vez e a comissão julgadora nos comunicou que tinha nos vencido a regata. Esqueci um pouco os delírios metafísicos da Glória e fiquei pensando naquela troféu de Titanite com os nossos nomes e o nome do barco gravados no pedestal.

18ª Regata Estelar de Syntrom - NGS Prometeu - Alvin Pereira e Glória Maxime vencedores. 27 de janeiro 2772.

Tínhamos inovado a navegação estelar e novos desenhos de barcos solares iam ser introduzidos para aproveitar melhor os efeitos da aceleração pulsar. Nossos conhecimentos sobre os fenômenos que ocorreram na superfície dos sóis estavam crescendo continuamente, mas é claro que isso era apenas desculpa. Eu e os outros surfistas das estrelas surfamos unicamente pela emoção. Se bem que eu gostasse do duplo sentido que ficava oculto em minha resposta, sempre que alguém me perguntava "por que você faz isso?"

E eu dizia: Pela glória!

O que era pura verdade. Com "g" maiúsculo ou minúsculo.



II-JANTAR DE NEGÓCIOS

Siatron estava cheia de turistas com a chegada do NRT Galáxia e havia um monte de caras novas na boate de hotel. Omar Von Neiman tinha seus privilégios junto a direção da casa e sua mesa ficava num canto discreto, longe do conjunto musical. Bastava olhar pro sujeito pra perceber que era um vigarista, mas no momento estava dando as cartas. Tinha vontade de uma expedição arriscada a Belaris VI e era um homem rico e famoso.

O brutamontes do lado dele, um tipo de halterofilista com um olhar fixo desencorajava qualquer abordagem, mas pude me aproximar sem problemas. Omar estava esperando por mim com um sorriso de crocodilo.

- Então senhor Idachi? Qual é a sua oferta?

- Pagamos 26 solares por peça. É bem mais do que a Escritório Central de Pesquisa vai pagar.

- Vinte e seis solares? Pensei que a Corporação Vertex estivesse disposta a pagar mais pelos tessouros que trouxemos de Belaris VI. Arriscamos nossas vidas por eles.

O tesouro de que falava Omar eram cristais de memória belarianos. Peças de uma biblioteca computadorizada criada por uma civilização extinta que dominara os segredos da vida. Valiam uma fortuna, já que o conhecimento é a coisa mais preciosa da galáxia. Homens tinham morrido para recuperar aqueles cristais, mas a Vertex não estava disposta a ir a falência para obter aquele material. Vinte e seis solares é um preço muito bom.

Von Neiman é claro, não pensava assim. Simais taquígraficos brilharam no vídeo monóculo que ele usava sobre o olho direito, enquanto o velho tubarão consultava as últimas cotações de mercado.

- Há um ano a Maerolife pagou 32 solares por um lote de cristais belarianos muito menor do que esse que trouxemos.

- Eram cristais decodificados. Eles estavam pagando por conhecimentos que sabiam serem valiosos para os projetos de vida sintética da Maerolife. Estamos negociando cristais brutos. Lhe pago 26 por lote. É

o que estou autorizado a oferecer.

A expressão no rosto do guarda-costa de Von Neiman mudou. O brutamontes parecia estar vendo um fantasma e eu percebi imediatamente que essa reação não tinha nada a ver com o negócio que estávamos discutindo. Olhei para trás.

Uma jovem extremamente bonita se aproximava de nossa mesa. Era uma loura de rosto incrivelmente gracioso, com um par de olhos verdes muito expressivos e o físico perfeito de uma dançarina. Tinha um porte atlético embora no conjunto ela transmitisse uma impressão de fragilidade. Senti uma sensação de déjà vu que não soube explicar no momento. O rosto daquela garota não me era estranho. Onde é que a vira? Pela beleza fora do comum devia ser uma atriz ou apresentadora do Videorama. É onde eu devia tê-la vista.

Caminhava com uma elegância absoluta, usando um vestido de noite de cotado, de selarite branco, que lhe dava a aparência de uma princesa mítica, saída de algum romance fantástico. Estava tão absorvido pela visão da beleza que me assustei ao ouvir o estampido ao meu lado.

Não foi bem um estampido. Foi a quele som seco, parecendo a abertura de uma garrafa de champanhe, que denuncia o disparo de uma arma com silenciador. Um orifício de um centímetro de diâmetro apareceu no vestido branco da moça, logo abaixo do seio esquerdo. Ela olhou para nós com uma expressão magoada. Olhei para a segurança de Von Neiman que em punhava uma Armalite 7.6 superautomática, cujo cano, com silenciador ainda soltava fumaça. Odiei o homem instantaneamente. Matar uma moça tão bonita como aquela era mais do que um crime, era uma blasfêmia.

Acontecia tudo depressa demais para qualquer reação. A pistola disparou mais uma vez, perfurando o vestido e o corpo perfeito da jovem que parou junto de nós. Num gesto rápido para ser seguido com o olhar a moça arrancou a arma da mão do segurança e a despedaçou com suas mãos frágeis. Virou-se para mim como se pedisse desculpas e se apresentou:

- Boa noite senhor Idachi. Meu nome é Glória Maxime e eu creio que

já nos vimos antes.

A mão delicada que despedaçara a pistola agarrou o pulso de segurança e uma expressão de dor surgiu no rosto do homem. Fiquei gelado, esperando ouvir o ruído de ossos sendo triturados, mas Glória se limitou a falar com voz suave:

- O senhor estragou um dos meus vestidos favoritos. Acho que o mínimo que pode fazer para compensar tamanha indelicadeza é me tirar pra dançar. Com sua licença senhor Idachi.

O vestido branco de Glória devia estar empapado de sangue a essa altura, mas continuava imaculado. Se não fossem os tiros eu não saberia que ela era uma sintética, mas é claro que eu devia ter desconfiado. Ela era bonita demais pra ser de verdade. Maximehein, a série Maxime ainda não fora superada, e devia haver só uma meia dúzia deles pela galáxia.

Sem poder reagir o sujeito teve que segurar Glória pela cintura e acompanhá-la na dança. As mãos dela envolviam o pescoço do homem e eu não duvidava de que aquela "frágil criatura" poderia arrancar a cabeça do sujeito de um único golpe. Ainda ouvi um breve diálogo entre os dois. O sujeito dizia apavorado:

- Vocês não podem magoar seres humanos.

- Quer apostar sua vida nisso? Respondeu a moça. Então percebi que havia uma nova pessoa na nossa mesa. Reconheci instantaneamente: Alvin Pereira, surfista estelar e aventureiro galático. É claro, Alvin tinha uma parceira andróide, uma linda namorada biônica chamada Glória.

- Senhor Idachi, já ouviu falar em máquinas gravitacionais?

É claro que eu tinha ouvido falar, mas naquela situação fiquei mudo. Alvin pegou dois cálices na mesa e começou a explicar.

- O sol de Belaris é uma anã branca em parceria com uma estrela de neutrons. Uma espaçonave viajando numa trajetória em forma de oito, entre as duas estrelas, pode ser acelerada de forma considerável. Suficiente para ingressar numa Rosen-Einstein compatível para trânsito interestelar. É claro que uma nave só fará a manobra tão arriscada se estiverse com seu propulsor transfinito da

nificados por sabotagem, não é mesmo Omar?

Von Noiman tentou manter a calma.

- Por favor, vamos agir como gente civilizada.

- Gente civilizada carrega armas e atira em pessoas?

- Aceite minhas desculpas, Miller é um sujeito nervoso e se de alguma forma ele danificou a sua andróide eu pago o prejuízo.

- Glória? Oh, ela é bem mais resistente do que parece.

- Pensei que tinha morrido quando seu propulsor falhou.

- Aposto que pensou, mas acho que não devemos deixar o senhor Idachi de fora de nossa conversação. Seria uma terrível indelicadeza. Senhor Idachi, eu e Von Noiman somos sócios. Nos associamos para a expedição a Belaris VI. Com minha experiência eu seria um batedor, guiando a nave de senhor Noiman por entre os anéis de poeira de Belaris e evitando os mini-buracos negros que orbitam aquele sistema. Eu e Glória iríamos na frente, fazendo o reconhecimento do terreno e dividiríamos os lucros da expedição meio a meio, tendo em vista o risco que estávamos correndo. É claro que não estávamos preparados para uma traição.

- Está dizendo que Von Noiman abandonou você e a Glória lá em Belaris, depois de sabotar sua nave?

- Por favor, foi um mal entendido

- Mal entendido? Aquele módulo Taubhausen foi preparado para explodir quando fantasmizássemos a nave. Felizmente Glória percebeu que a curva de força estava errada e resolveu dar uma olhada. Chama isso de mal entendido?

- Por favor senhor Pereira, não vamos cultivar ressentimentos. Tenho certeza de que há uma explicação científica para tudo que aconteceu com sua nave.

- Ah, certamente que há. Eu e a Glória podíamos ter sido vaporizado

- Há um fator de risco em toda expedição espacial. Mas se lhe serve de consolo estou inteiramente disposto a renegociar sua parte nos lucros dessa expedição.

- Olhe Von Noiman, você pode ficar com a nossa parte. E faço mais, eu e a Glória lhe trouxemos uma lembrança extra de Belaris. Algo que

vai lhe aguçar o apetite.

Alvin exibiu um objeto que parecia a uma garrafa térmica. Ele abriu a tampa e derramou o conteúdo na mesa, diante de Von Neiman. Fiquei gelado. O conteúdo era uma massa de geléia pulsante, que se escolheu toda e numa fração de segundo saltou na cara de Von Neiman.

O homem levou as mãos ao rosto, tentando arrancar a coisa, mas foi inútil. Asfixiado, ele teve que abrir a boca e a medusa belariana desceu por sua garganta abaixo. Von Neiman ficou pálido, começou a suar frio e caiu duro, com a cara no prato de comida.

- Você... o matou? Perguntei.

- Aquela coisa é uma colônia simbiótica belariana. Vai fazer contato com o sistema nervoso central do Von Neiman, e lhe dar uma nova perspectiva de vida por uns dias. Mas não será definitivo. A colônia vai morrer porque sua bioquímica é incompatível com um hospedeiro humano.

A música parou de tocar e Glória libertou o guarda-costas de Von Neiman. O homem desapareceu em busca de reforço para lidar com a situação. Sem uma arma, ele era incapaz de enfrentar Alvin e sua parceira. Um grupo de turistas boquiabertos se reuniu a nossa volta, olhando para a forma prostrada de Neiman. A relação pública da boate apareceu e perguntou:

- O que aconteceu com ele?

- Engoliu alguma coisa grande demais para digerir. Cedo ou tarde acontece com todo tubarão. Explicou Alvin.

Glória fingiu indignação:

- Não sabia que a comida aqui era tão ruim. Isso é um ultraje! Minha senhora, não vamos recomendar esse lugar aos nossos amigos.

- Eu tenho certeza que há uma explicação... Tentou a mulher.

- ... Científica? Perguntou Alvin. Eu estou farto deste tipo de conversa. Senhor Idachi, que tal se nos acompanhasse, a mim e a Glória, até um lugar realmente sossegado, onde poderemos conversar com mais calma? Não sei o que Omar lhe ofereceu mas eu tenho algo para lhe mostrar que vai deixá-lo sem palavras.

- Não sei se quero ver. Afinal Von Neiman também ficou sem pala -

bras.

- Não tem o que temer. Trouxemos novas revelações de Belaria, coisas muito mais importantes do que aquela medusa simbiótica. Acredita se eu lhe disser que os belarianos não estão extintos?

Acompanhei Alvin e Glória em direção à porta de saída da boate. Havia uma confusão danada lá dentro e alguém já tinha chamado um médico para o Omar. De qualquer forma eu não ia querer estar ali quando o segurança voltasse com uma trepa de choque. E acho que Alvin e Glória pensavam da mesma forma.

- Todos os dados que temos indicam o desaparecimento dos belarianos, as ruínas na superfície do planeta.

- Acredite em mim, os belarianos não estão mortos. Eles apenas saíram de casa por uns tempos. E enquanto estavam fora nós andamos pilhando seus tesouros. Imagina como eles devem se sentir?

- Vocês viram os belarianos? Você e a Glória?

- Vimos e até fizemos um acordo com eles. Eles nos ajudaram a voltar para casa, e nós prometemos mostrar a eles o paradeiro de seus tesouros roubados.

- Espere aí senhor Pereira. A Vertex não tem nada a ver com isso. Se pessoas como o senhor Neiman criaram um incidente com uma inteligência extraterrestre, nós seremos os primeiros a fazer todo o possível para chegar a um acordo favorável a todas as partes atingidas. A sua fama já chegou aos ouvidos da diretoria da Vertex e será uma honra para nós negociar com um homem do seu talento.

Alvin piscou um olho para Glória de um modo que eu não gostei.

- Não é comigo que vai ter que negociar senhor Idachi, é com eles.

O leão de chácara da boate passou por nós como um relâmpago. A porta desabou sob o impacto de um laser biológico e uma coisa com olhos facetados e apêndices manipuladores múltiplos, com 3 metros de altura entreu espantando os frequentadores.

Não me restava outra alternativa. A Vertex ia ter que fazer negócio com os belarianos.

VOVÓ E AS BOLOTAS

por ROBERTO SCHIMA

O autor volta às nossas páginas com mais um conto inédito, onde seu talento e sensibilidade mais uma vez se faz presente, nesta poética história com elementos de Fantasia.

- As bolotas, Edgar! As bolotas estão caindo!

Ouvi a voz rouca de meu quarto, enquanto brincava com um caminhão de plástico. Eu sabia que estavam caindo. Estava escutando as milhares de batidas simultâneas no telhado. Havia um zumbido contínuo invadindo as paredes desbotadas de um azul-claro tristonho.

- Vem ver as bolotas! - gritei novamente.

Larguei o caminhão no chão de cimento.

- Tô indo! - gritei e corri.

Vovó Jurema estava na varanda envidraçada, olhando para fora, fascinada. Fiquei a seu lado e ela, notando minha presença, colocou-me em seu colo e juntos balançamos na velha cadeira de madeira negra.

Lá fora, a chuva caía impiedosa naquela tarde enevoada de outono. Rajadas súbitas arrepiavam nossas almas e nos faziam pensar em coisas e em lugares longínquos. A chuva caía e, com ela, as bolotas. Centenas, milhares, milhões. Porque eu conheci esse nome, eu nunca soube.

- É bonito - falei com minha vozinha de cinco anos.

Vovó apenas murmurou um assentimento e continuou a balançar. A madeira estalava monotonamente.

Era um espetáculo bonito, bonito de verdade. Caíam sem parar do céu, pulando em direções várias e deixando tudo branquinho. Vez ou outra uma bolota mais ousada atingia a vidraça parecendo que iria quebrá-la, mas não quebrava.

- De onde vem as bolotas, vovó?

- De Bolotópolis, Edgar, elas vêm de Bolotópolis.

- "Botoplis"? - Fiz uma careta de quem nada entendeu.

Vovó riu, virando seu rosto redondo

do e grisalho para mim.

- Bolotópolis, Edgar, Bo-lo-tó-polis. É uma grande bola branca lá no alto, onde crianças ficam brincando em cima. Ficam atirando pedaços menores umas nas outras e esses pedacinhos acabam caindo aqui embaixo, aqui na terra.

- Deve ter muita criança lá em cima - comentei, admirando as bolotas que persistiam em cair.

Vovó Jurema riu, exibindo seu dente de ouro.

- Tem sim.

- Como é que elas não caem?

- É que...

- Como é que elas subiram?

- Bem, o...

- Ah! Deixa eu sair e pegar umas bolotas, deixa?

Tocando de leve seus dedos nodosos em meus lábios irrequeitados, ela contou:

- Bolotópolis é um lugar mágico onde só as crianças boazinhas vão. Lá, elas podem brincar a vontade, correr brincar de amarelinha e muito mais. Mas tem uma condição: elas vão para ficar para sempre, para nunca mais voltar às suas casas e se misturar com crianças más.

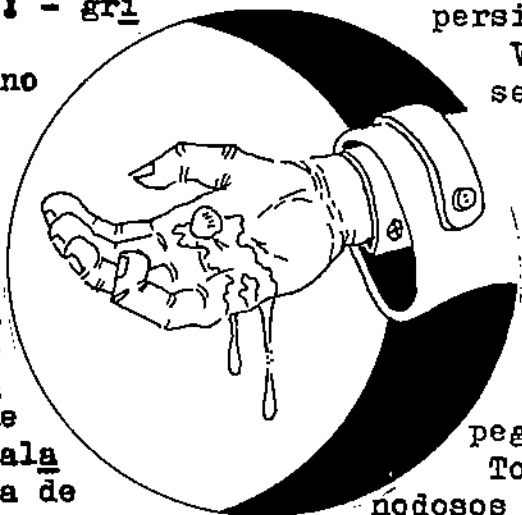
"Bolotéia, a fada mágica de Bolotópolis, escolhe as crianças e, com seu poder, faz elas flutuarem até lá no alto, no meio das nuvens. E lá ficam brincando sempre e sempre..."

- É por isso que, junto com as bolotas das brincadeiras, a chuva caiu - disse eu, pensativo. - Tem criança chorando de saudade de casa.

Ela concordou, com admiração.

- Sim... E você não pode sair para pegar as bolotas porque senão vai subir também e nunca mais vai retornar.

Fitei o céu turbulento, a chuva e as bolotas que caíam. Senti um tremor brotar pelo corpo todo e abracei meu corpo quente e protetor. A chuva prosseguia lá fora, chapinhando na



rua e nas caçadas.

Mais tarde, com o Sol crepuscular tingindo tudo de vermelho, sai para o quintal. Como sempre, havia o odor de frescura no ar, o chão estava molhado e as bolotas haviam sumido. A mágica havia terminado.

Sem querer, ao correr atrás de um besouro, derrubei um vaso de hortências que vovó adorava. Ela apareceu com uma expressão severa e pressenti que iria me deixar de castigo.

- Seu sapeca, você...

- Se eu for muito bonzinho - falei esperançoso -, eu subo para Botopolis e não volto mais.

Ela não aguentou e me abraçou. Sorri aliviado.

Muitos anos se passaram. Há anos, vovó Jurema se foi - para "Botopolis" com certeza. A casa em que eu vivia passou por reformas que a tornou irreconhecível. Gostaria de dar um safanão em seus donos atuais.

Mas a chuva continuou a cair. Eventualmente as bolotas caíam também, como estão caindo agora, nesta tarde de outono na sacada de meu apartamento. Há pensamentos de lugares longínquos no ar.

Abro a porta que dá acesso a sacada e sinto imediatamente o vento agitar meus cabelos, penetrando na sala. A chuva começa a me molhar. A gacho e, rapidamente, apanho uma das bolotas. Fecho a porta.

A bolinha branco de gelo reluz molhada na minha palma.

Vovó Jurema havia mentido, descobrira um dia. As bolotas não eram mágicas e nem me levaram para o céu. Porém, eu soube lhe perdoar por este singelo pecado e, de certo modo, conservar a magia de Bolotópolis viva dentro de mim.

Respiro profundamente.

No calor aprisionado de meu lar, a bolota se derrete por entre meus dedos, enquanto as lembranças atravessam minha mente como a chuva a cair inclemente lá fora.

Conto criado por sugestão temática da amiga Ivana Alves Costa.



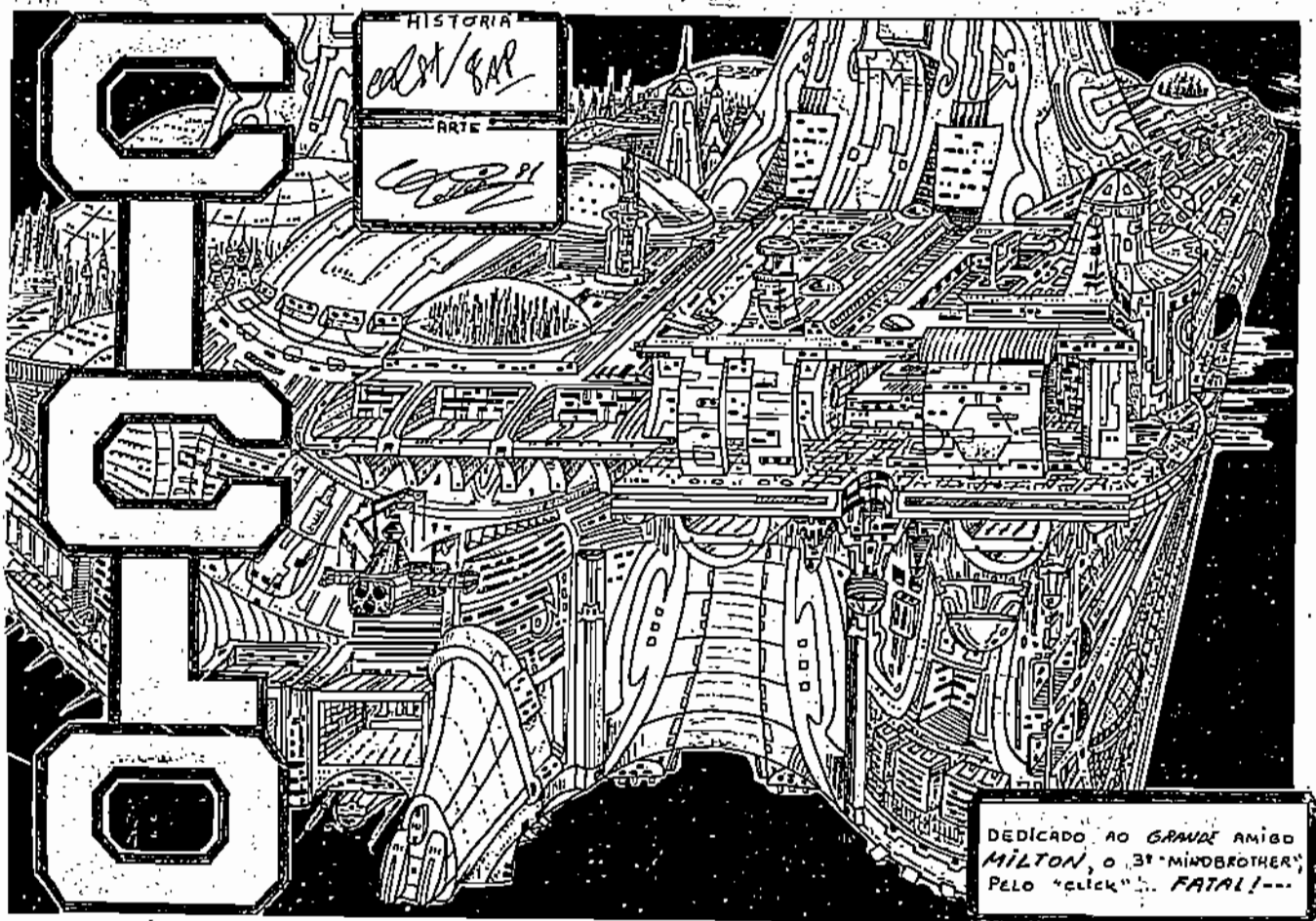
TRANSMUTAÇÕES BIOGRÁFICAS - PARTE I

Esta HQ foi escrita em 1982 e enviada, primeiramente, ao saudoso fanzi ne Hiperespaço, que publicou alguns trechos da história em seu número 5. MEGALON a publica na íntegra, nesta e na próxima edição.

FÁBIO BENITE - história

Carlos Alexandre - desenho

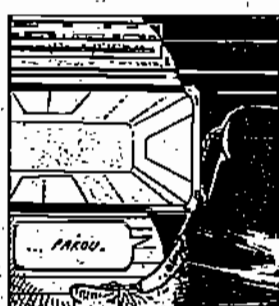
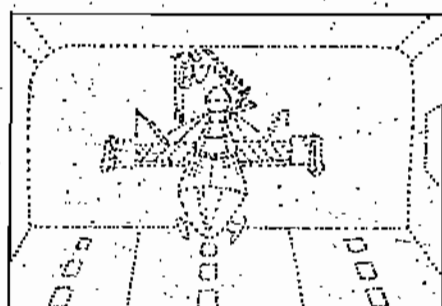
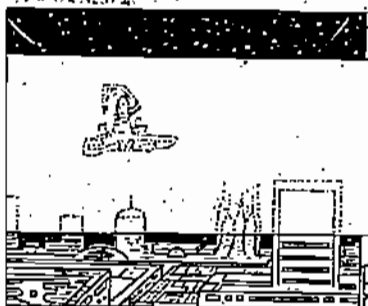




QUE NAVE... NÃO, ALGO COM ESTE TAMANHO NÃO PODE SER CHAMADO DE NAVE... MAS, NÃO IMPORTA...
 É MAGNÍFICA!...

ISSO EXPLICA TUDO... E, AO MESMO TEMPO... AFINAL, QUEM VIVE ALI? POR QUE ESSA COISA... ESTA INTERFERINDO EM TUDO POR AQUI? EU TENHO QUE IR LÁ... TENHO!!
 MAS, PELO ÉTER... COMO? ESTA TUDO PARADO, AINDA... BU NÃO POSSO... ORA, ... ESTOU... NÃO... ELA ESTA SE APROXIMANDO!! NÃO PODE SER... ESTOU...

... ESTOU SENDO PUXADO PARA LÁ!
 ESSA LUZ!

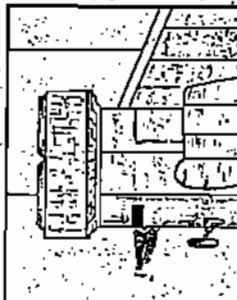


PARACE QUE ME QUE-REM AQUI...
 É MELHOR SAIR!

A entidade já se encontra à bordo, senhor. Dava lhe indicar a caminha de aqui?

ÓTIMO! ☺COF☺
 NÃO☺COF☺, DEIXE-O. SE ELE É QUEM EU PENSO, ELE ACHARÁ ☺COF☺ POR SI SO...

OS INSTRUMENTOS CONTINUAM MUDOS ... NÃO SEI SE OS FATORES SÃO A MEU FAVOR. O AR, A GRAVIDADE... SERÃO COMPATIVÉIS? VOU TER QUE ARRISCAR... TENHO QUE SAIR!... É MELHOR LEVAR O EQUIPAMENTO COMPLETO DE PESQUISA... NÃO SEI O QUE POSSO ENCONTRAR POR AQUI, MAS ESPERO ACHAR O QUE PROCURO... BEM... AQUI VOU EU!



É... É TUDO TÃO BELO... É CALMO!

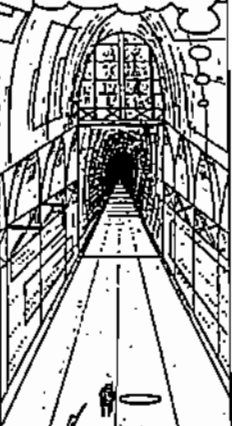


ORA... SE NÃO SOUBESSE SER IMPOSSÍVEL, EU... PODERIA MESMO JURAR...



... QUE JÁ ESTIVE AQUI... ANTES...

PRECISO TENTAR COMUNICAÇÃO COM QUEM QUE VIVA AQUI... VOU EXPERIMENTAR TODAS AS FAIXAS DE ONDA DO MEU CONDUITO... SE É QUE VÃO ME COMPREENDER...



HÁ ALGUÉM AQUI?... ALÔ, ALGUÉM, POR FAVOR... (NADA. PARECE ABANDONADA) É INCRÍVEL! EXISTEM TELAS POR TODA PARTE! QUE VISÃO!...



... NÃO HÁ DÚVIDA... IMPOSSÍVEL OU NÃO, EU CONHEÇO ESSE LUGAR...



ESTRANHO... AQUELA PORTA, ELA... DE ALGUMA MANEIRA... ALGO ME FORÇA A ENTRAR LA'!... VOU ME DEIXAR GUIAR PELO INSTINTO, OU SEJA LA' O QUE FOR QUE ME MANDA FAZER AS COISAS POR AQUI!

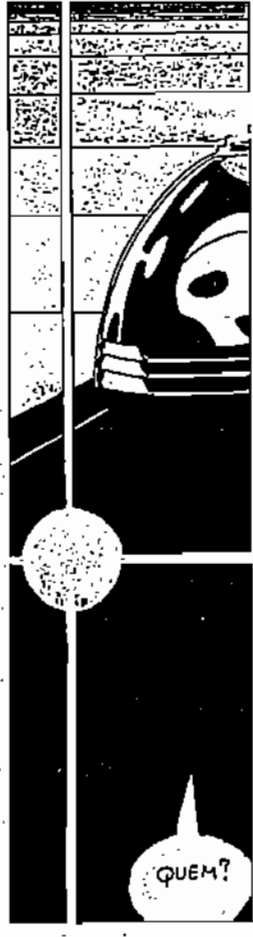
CENTENAS DE PORTAS E PASSAGENS... TUDO AQUI É ENORME... TUDO É... GIGANTESCO...



SINTO-ME...

HÁ?...

ALÔ?



QUEM?



FINALMENTE...

FINALMENTE, VOCÊ CHEGOU.



ORA... ENTÃO, HÁ ALGUÉM AQUI!...

QUEM É VOCÊ?



ISSO NÃO IMPORTA...

NÃO, AGORA...

NÃO, AINDA...



... O IMPORTANTE É QUE VOCÊ ESTÁ AQUI... O QUE IMPORTA É QUE, AFINAL... DEPOIS DE TODO ESSE TEMPO...

...VOCÊ CHEGOU.

BEM VINDO À SUA CASA, MEU FILHO.



HÁ? POR FAVOR, EU NÃO COMPREENDO... O QUE SIGNIFICA...

... O QUE VOCÊ QUER DIZER COM... CASA? EU NÃO POSSO FICAR AQUI... NÃO É MEU LUGAR... EU PRECISO...?



CALMA. TODAS AS SUAS DÚVIDAS SERÃO RESPONDIDAS... À SEU TEMPO.

EM POUCO VOCÊ VERÁ... E ENTENDERÁ QUE SÓ EXISTE UM LUGAR PARA VOCÊ, E ESSE LUGAR É AQUI. VENHA... VOCÊ PRECISA COMEÇAR A APRENDER... JÁ.



COMEÇAR A APRENDER? ESCUTE, AMIGO, TUDO AQUI É LINDO E FASCINANTE, E EU ADORARIA FICAR, MAS NÃO POSSO SIMPLSMENTE...

AMIGO? BOM... NÃO PODERIA HAVER MELHOR ESCOLHA...



APÓS ALGUM TEMPO, VERÁS PORQUE NÃO DEVES PARTIR. MUITAS COISAS TE AGUARDAM... MUITO TE ESTÁ RESERVADO... HÁ MUITO, MUITO TEMPO... TALVEZ, TEMPO DEMAIS... QUE ESTA SEJA TUA PRIMEIRA LIÇÃO: SUA EXISTÊNCIA MESADA DE NADA IMPORTA... POIS VOCÊ ESTÁ AQUI... FINALMENTE.



BEM...



PARACE MELHOR DO QUE MOVAR NUM SERVIÇO DE REBOCADOR... E EU SEMPRE POSSO MUDAR DE IDÉIA E SAIR... QUANTO?

VOCÊ NÃO É OBRIGADO A NADA AQUI FICAR, SE QUISER. E, TENHO CERTEZA, QUERERÁ, TÃO LOGO COMEÇE O 'APRENDIZADO'...



VOCÊ FALA TANTO EM... APRENDER... APRENDA O QUE AFINAL?...

ESCUTE, ... QUAL MEU PROPÓSITO AQUI? POR QUE JUSTAMENTE A MIM?



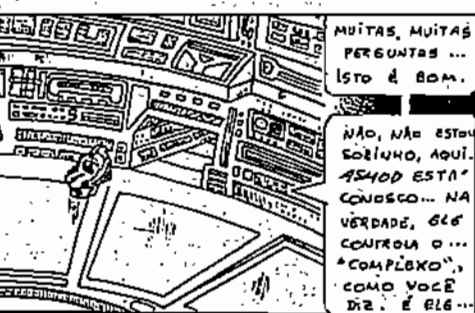
CALMA... TUDO SE ESCLARECERÁ, À MEDIDA QUE O APRENDIZADO PROSSEGUIR. E A PERGUNTA ADEQUADA NÃO É O QUE APRENDER, MAS COMO...

VOCÊ DESEJA APRENDER?



SIM, mas... QUERO DIZER... EU... ESTOU CONFUSO... VOCÊ PARECE SABER MUITO SOBRE MIM, SOBRE... COISAS.

E ESTE COMPLEXO? QUEM O CONSTRUIU? NÃO ESTÁ CATALOGADO, TENHO CERTEZA, MAS PARECE ANTIGO... E, AO MESMO TEMPO, TÃO NOVO... COMO O CONTROLA? E COMO FAZ ISSO SOZINHO?



MUITAS, MUITAS PERGUNTAS... ISTO É BOM.

NÃO, NÃO ESTOU SOBRIHO, AQUI. ASHOD ESTÁ CONSCIO... NA VERDADE, ELE CONTROLA O... 'COMPLEXO', COMO VOCÊ DIZ... É ELE...



... QUE CONTROLA TUDO.



ASHOD? EU COSTARIA DE...

NÃO.



AINDA NÃO. VISTA-SE.

VENHA, MEU TEMPO É CURTO... E HÁ MUITO A APRENDER SOBRE ESTE LUGAR PRIMEIRO.



ORA?



AGORA.

ESTA ROUPA... É INCRÍVEL! ELA CAÍ COMO UMA LUVÁ EM MIM. VOCE... PARECE QUE ME ESPERAVA... DE CERTO MODO... SABIA QUE EU VIRIA



A ROUPA NÃO TEM IMPORTÂNCIA ALGUMA. VOCE É QUE IMPORTA. SEUS OLHOS... SUA MENTE... E SEU CORAÇÃO.



COM OS OLHOS, VÊS O QUE É COMO APRENDER. COM SUA MENTE, APRIMORARÁS ESSES ENSINAMENTOS E CONFIRARÁS TEUS PROPRIOS.

E COM O CORAÇÃO, SEPARARÁS OS BONS DOS RUINS. É COM O CORAÇÃO QUE DEVES DECIDIR QUAIS UTILIZARÁS... E CONTRA QUAIS COMBATERÁS



FILHO... SERÁ UMA LUTA ARDUA ATÉ CHEGARÉS AO CUME DE TEUS CONHECIMENTOS. NÃO PENSE QUE SERÁ FÁCIL... E, VEDA BEM, AINDA HÁ TEMPO PARA DESISTIR... MAS UMA VEZ ACERTO, O DESAFIO DEVE SER COMPLETAMENTE SUPERADO.



EU... ACREDITO EM VOCE.

OLHE, AMIGO. SE PRECISA DE UM BOM MECÂNICO, SABIA QUE SOU CONSIDERADO COMO DOS MELHORES DA CENTRAL. SE PRECISA DE UM BRAÇO PORTE AQUI O TEM. MAS... MENTE... CORAÇÃO?



E... SEPARAR O BEM DO MAL... ORA... NÃO É TRABALHO PARA MIM... OU É?

ENTÃO?...



MÃO, NÃO DESISTO, E JÁ LHE DISSE PORQUE. SÓ ESPERO HONRAR A... CONFIANÇA QUE DEPOSITA EM MIM.



NÃO DOUDEI NEM UM INSTANTE. NEM POR UM SÓ INSTANTE...



AFINAL, VOCE CHEGOU...

VOCE PRECISA APRENDER...

MUITO TE ESTÁ RESERVADO... DEPOIS DE TODO ESSE TEMPO...

MEU TEMPO É...

APRENDER SABER... SERÁ...

SEUS OLHOS... SUA MENTE...

... SEU CORAÇÃO!



AMIGO...

EU COMEÇO A VER...

EU...



NÃO POSSO...

QUÊ? DESISTO?

NÃO ENTENDE? É... GRANDE... DEMAIS! GRANDE OBRAIS PARA MIM...

FILHO...

MEU TEMPO ESTÁ ACABANDO... A HORA DA PASSAGEM SE APROXIMA E, NESTA HORA, TU SERÁS O MEU APOIO, ASSIM COMO ESTOU SENDO TEU, AGORA.

TENDE CALMA, E SEGUÊ TEU CAMINHO. DELE NÃO PODES FUGIR... POIS ELE... É TEU DESTINO.

AMANHÃ CONTINUAREMOS





"POR HOJE ESSA", ELE DIZ...
"SÓ"! ESSA PALAVRA NÃO
PODE SER USADA AQUI... NÃO
NESTE CASO... TUDO AQUI
É ENORME!
MEU "QUARTO" - INCRÍVEL!



MAQUINAS... FABRICAS INTEIRAS... LABO-
RATORIOS COMO NUNCA VI! ESTE LU-
GAR É A COISA MAIS... ATORDOANTE
QUE JÁ EXPERIMENTEI... É MAIS ES-
SA BENSÇÃO LOUCA DE QUE JÁ O
CONHEÇO!



É HORA DE DECIDIR. FICO, OU
VOLTO À CENTRAL COM UMA
HISTÓRIA TÃO INCRÍVEL... TÃO
FANTÁSTICA, QUE PROVAVEL-
MENTE ME TOMARÃO POR LOUCO



PENSA, HOMEM... PENSA!
O QUE VOCÊ QUER? PASSAR O
RESTO DA VIDA NUM REBOCA-
DOR OBSOLETO OU FICAR...
PODENDO EXPLORAR... ARAUCER!
É AGORA, QUE
COMEÇO A
ENTENDER...
OU QUASE!



É QUANTO AO TAL... COMO É MESMO?...
ASMOD... O VELHO DISSE QUE ELE É
QUEM CONTROLA O COMPLEXO... MAS COMO
CRIATURA NENHUMA PODE CONTROLAR SO-
ZINHA NEM A METADE DISTO AQUI...

O VELHO...
É, AINDA HÁ O VELHO... QUEM
É ELE? DESDE QUANDO ESTÁ AQUI?
ELE PARECE TER UM OBJETIVO... PARECE
SABER MUITO BEM ONDE QUER IR... MAS...
QUANDO VOU SABER... O QUE QUER DE MIM?



TUDO AQUI PARECE UM...
SONHO! UMA PERSPECTIVA
TOTALMENTE NOVA, E...
SEDUTORA.

IMAGINO SE
VALERIA A PENA...

BEM... SÓ HÁ UM JEITO DE
SABER TUDO ISSO: AQUI!
FICANDO, E ESPERANDO
PARA VER... É... É ISSO!

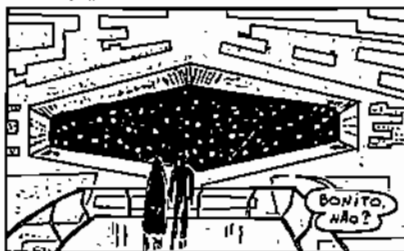


Pois bem... 000



SE TODO PARECE
UM SONHO... APROVEITE.

ELE PODE ACABAR...



BONITO,
NÃO?



MAIS
QUE
ISSO...



SABE... ESTE LUGAR... É TÃO LINDO... É
TÃO COMPLETO... QUANTO LA FORA...
TUDO TÃO IMENSAMENTE GRANDE!
NÃO VERDADE, ÀS VEZES ME CONFUNDO
E COMO SE...

FILHO...



OUÇA: TODO
O UNIVERSO,
ESSE ENORME
EMBARANHADO
DE ESTRELAS,
PLANETAS,
POSIÇÃO E LUZ
NADA MAIS É
DO QUE UMA
GRANDE NAVE,
QUE CONDUZ
TODOS OS
SERES VIVEN-
TES NO
COSMO.



AQUI TEMOS UM SISTEMA QUASE TÃO COMPLICADO
QUANTO O DO PRÓPRIO UNIVERSO.
CADA CONSOLE... CADA LIGAÇÃO É
DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA
PARA O TODO.

POR ISSO, INSISTO: ESTUDE... ESFORCE-SE.
VOCÊ PRECISA ASSIMILAR, CONHECER
ESTE LUGAR EM SUA PLENITUDE...



VOCÊ E ELE
DEVEM SER
COMO UM SÓ.

SÓ DISSO.
SINTO ISSO.



É ESTRANHO...
CADA VEZ QUE COMEÇO
A ESTUDAR UM
APARELHO, OS
DETALHES VÃO
ME SURTINDO,
NATURAL E
ESPONTANEAMENTE.

EM POUCO TEMPO, O
DOMÍNIO COMPLETAMENTE
É COMO SE JÁ O
CONHECESSE À MUITO TEMPO...



ISSO SÓ ME CERTIFICA DE QUE A ESCOLHA
FOI A MAIS ACERTADA. VOCÊ ESTAVA
MARCADO... DESTINADO A OCUPAR
ESTE LUGAR...



... É BOM TER VINDO...
MEU TEMPO ESTÁ ACABANDO...
MAS CONTROLE JÁ NÃO É
O MESMO...



CONTINUE...
POR FAVOR... JÁ É
HORA DE... SABER.
JÁ ESTOU AQUI À
TEMPO BASTANTE
PARA SABER...
QUEM É ASMOD?

Não perca o sensacional desfecho desta história na próxima edição !

O ESPÍRITO QUE ANDA

por Mr. Quadrinhos

Após o sucesso de Mandrake, a King Features deu ao roteirista Lee Falk, em 1936, a façanha de criar mais um personagem. Seu nome, Fantasma. Assim, ele estreou nos jornais americanos em 17/02/36, com tiras diárias no New York American Journal, ganhando 3 anos depois, maio de 39, a sua página dominical, assegurando a Falk uma posição destacada no mundo da HQ. Suas histórias de imediato calaram fundo seus leitores, havia algo de mágico e grandioso neste personagem.

Lee Falk é o principal responsável pelo sucesso, criando toda uma mitologia em torno do herói. Herói pertencente a uma dinastia de Fantasmas que durante a segunda metade deste milênio tem agido em nome da justiça.

O Fantasma é publicado em tiras de 500 jornais em 40 países, e traduzido em 15 idiomas, inclusive o inglês pidgin falado pelos nativos da Nova Guiné. Seus raros imitadores morreram precocemente, o que durou mais foi El Capitan Misterio do espanhol Emilio Freixas. No Brasil, o Fantasma foi lançado no saudoso Globo Juvenil em 1940, e O Globo foi o primeiro jornal a publicar suas tiras em março de 1953. Seu gibi exclusivo surgiu no mesmo ano, Fantasma Magazine.

Em pesquisa da RGE, hoje editora Globo, ne

hum outro herói possui tantos afiecionados em todas as faixas etárias. Qual o segredo dessa lenda chamada Fantasma? Um deles certamente é a máscara, pois foi o primeiro super-herói a esconder seu rosto desta maneira. E ao mistério da dissimulação física, acrescentou a magia da imortalidade. Desprovido de poderes sobrenaturais, mas sob a mística da vida eterna aumentou seu fascínio.

O Fantasma é um insólito exemplo de imortalidade atávica, não o chamam de "O Espírito que Anda" a toa. A quatro séculos que os espíritos se sucedem com a mesma força e determinação de luta "contra todo tipo de pirataria, cobardia e crueldade".

O primeiro de sua dinastia chamava-se Sir Christopher Standish no bre inglês, filho de um ex-marujo da frota de Cristovão Colombo que desembarcou na América em 1492. Depois de ver o pai degolado pelos piratas chineses - singh -, durante uma viagem ao longo da costa da África, jurou dedicar sua vida e a de seus descendentes a uma luta sem tréguas contra toda sorte de pirataria. Parecia um Robinson Crusoe, ao ser resgatado e curado por uma tribo de pigmeus, para os quais se tornaria uma espécie de Targan. Atento aos subtilégios da superstição e do simbolismo religioso, jurou vingança sobre o crânio do assass



sino de seu pai e fez da caveira seu emblema da morte, o seu logotipo estilizado na máscara impresso na fivela de seu cinturão e cravado na pedra de seu anel. No rosto de cada malfeitor esmurrado, deixava o lacre do seu benéfico signo, marcando-o para sempre. Acumulou riquezas em sua caverna da caveira e cuidou como um monarca de sua prole, estratégia seguida à risca pelo resto da árvore genealógica.

Conhecemos apenas dois, o primeiro - por referência - e o outro introduzido por Lee Falk e o desenhista Ray Moore, em 1936, quando à frente dos pigmeus pontificava o fiel Guran e ao lado do herói corria o fiel capeto. Em sua e popéia alguns ancestrais foram mencionados eventualmente. Sabe-se que o terceiro preferia ser ator em Londres e contra a vontade paterna chegou a atuar numa encenação de Romeu e Julieta, com direção de William Shakespeare, interpretando, como de praxe na época, o papel de Julieta.

O sexto Fantasma casou-se com a rainha da França e fundou em 1664 a patrulha da selva. O atual, sagrado pelo pai em 1926 tão logo termi-

nou o seu curso na Universidade de Oxford, se ria o vigésimo primei ro da linhagem, estima tiva majoritariamente aceita embora dela dis corde o expert inglês Nick Landau da revista Comic Media, para quem Sir Christopher Standi sh só teve até hoje 15 e não 20 descendentes. O cálculo de Landau a penas parece mais plau sível; por ele cada de cendente de Sir Standi sh teria vivido em mé dia 25 anos, algo tão improvável quanto ima ginar o Fantasma casan do-se aos 72 anos, co mo aconteceu em 1977 .

Entusiasmado com o seu casamento com Eli sabeth Mexley em 77, Lee Falk, então com 62 anos, entregou os pon tos patrocinando as nu pcias de Fantasma e Di ana. Perguntado sobre onde o herói vive, res pondeu: "não vive nem na África e nem na Ási a". A afirmação foi da da ao cineasta e qua drinhófilo Alain Resna is. Segundo Falk, "vive numa selva criada pela minha imaginação".

Ray Moore desenhou o personagem até 42, qua ndo convocado para a 2ª Guerra Mundial, foi gravemente ferido. Seu assistente Wilson McCo y, o substituiu e o de senhou até 1961, quan do faleceu. Comenta-se que Ray Moore poderia ter voltado a desenhar o Fantasma ainda na dé cada de 40, caso não se recusasse a se sub meter a uma delicada cirurgia no sistema nervoso em função da qual provavelmente re cuperaria quase toda a sua capacidade motora.

Há no entanto uma vez

são diferente a respe ito da vontade que Moore tinha de assu mir novamente a ilus tração das tiras do Fantasma. Conta-se que na década de 60 , logo depois da morte de McCoy a King Featu res Syndicate - distri buidora internacional da Hearst, a editora das tiras - abriu con curso para escolher o substituto de McCoy e que o próprio Moore teria se candidatado à vaga, mas houve o veto inflexível de Le Falk.

Em alguns lugares, onde se fez declaraçõ es a respeito desse veto - São Paulo, Lug ca, na Itália e vári as vezes nos EUA - Fa lk manteve-se reticen te quanto ao trabalho de Ray Moore. Alegou inclusive a tendência do desenhista ao alceolismo e falta de rit mo para produção de tiras diariamente.

Em 1962 Sy Berry - irmão de Dan Berry, a tual desenhista do Flash Gordon - assumiu as funções de McCoy e no estilo de seu ir mão, ilustra históri as em quadrinhos com um grupo de desenhis tas "fantasmas" - as sistentes que não as sinam os desenhos.

Ray Moore morreu no mesmo subúrbio - da cidade de St. Louis - onde nasceu Lee Falk, vítima de um derrame cerebral. Perdia-se mais um grande mestre das HQ.

POLEMICA

A exatos 24 anos em um encontro de estudi osos de quadrinhos na cidade italiana de

Bordighera, Ernesto G. Lura divulgou um en saio O Homem Branco e o Terceiro Mundo, segu ndo o personagem Fan tasma, provocando polê mica até no Brasil.

Ernesto acusava o Fantasma de fazer uma ideologia colonialista em suas aventuras. Jun tou-se ao autor, outros para reprisar a mesma calúnia. De repente, o herói era crucificado como testa de ferro da dominação ocidental nu ma África anacrônica .

Jô Soares, o próprio, esperou 5 anos para dar o troco, defenden do com unhas e dentes a integridade do seu herói em um dos capítu los do seu livro Sha zan - Editora Perspec tiva, 1970 - onde Jô diz que o autor do en saio não teria lido com atenção a saga do Fantasma. Para Jô, o ú nico colonialista e racista da família te ria sido o pai do pri meiro Fantasma. Quase na mesma época, o fran cês Francis Lacassin , também tomou as dores do herói qualificando-o de "anticolonialista e paternalista" com ba se no que o personagem de Falk fizera para a cabar com as rivalida des tribais, superar tabus religiosos e até patrocinar casamentos inter-raciais. Sem co ntar com os riscos que correu, para garantir a posse de presidentes legítimos eleitos pelo povo contra a vontade de nebulosos lobbies multinacionais.

Paternalista, sem dúvida ele é, e isto o próprio Falk admite, ao mesmo tempo que re pudia as insinuações

de racismo, brandindo dados que mostram ser o herói o mais consumido super-herói pelos negros do sul dos EUA. "Ele é superior a todos por sua força, não por ser branco", reitera seu criador.

GAROTO PROPAGANDA

Todas as sextas-feiras, milhares de nativos da Nova Guiné compravam um exemplar do semanário Wantok distribuído pelas igrejas católicas e protestantes, para nele emburricular os seus rolos de fumo. Pois bem, em 1972 apareceu no semanário a primeira tira com uma aventura do Fantasma - Fantom na língua dos papuas - a tiragem triplicou, os analfabetos pediam aos letrados que lhes explicassem o que dizia os balõesinhos.

O governo da Nova Guiné não demorou a pegar carona na fama do Fantasma, transformando-o em garoto propaganda de companhias institucionais.

Graças aos conselhos do herói, muitos papuas passaram a escovar os dentes e a comer amendoim para ficar forte que nem o Fantasma.

NO CINEMA

Fantasma chegou às salas de exibição em 1943, e era exibido em seriado. A produção era da Columbia, com direção de B. Reeves Eason e tendo como astro o ator Tom Tyler, que foi também Bufallo Bill - pela Universal - e Capitão Marvel, este pela Republic.

Cada episódio durava 15 minutos e não abria mão do charme de Diana Palmer - Jeanne Bates -, Capeto - Ace, o cão maravilhoso.

Um tesouro perdido na cidade imaginária africana de Zolaz, era o ponto de partida para as histórias. O Dr. Davidson - Frank Shannon - pai de Diana, queria descobri-lo, tendo que enfrentar os vilões Singapore Smith - Joe Devlin - e Dr. Bremer -

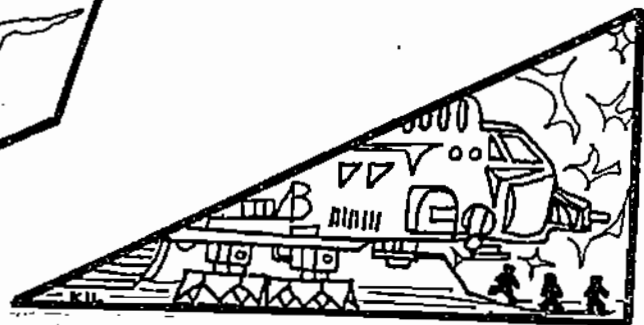
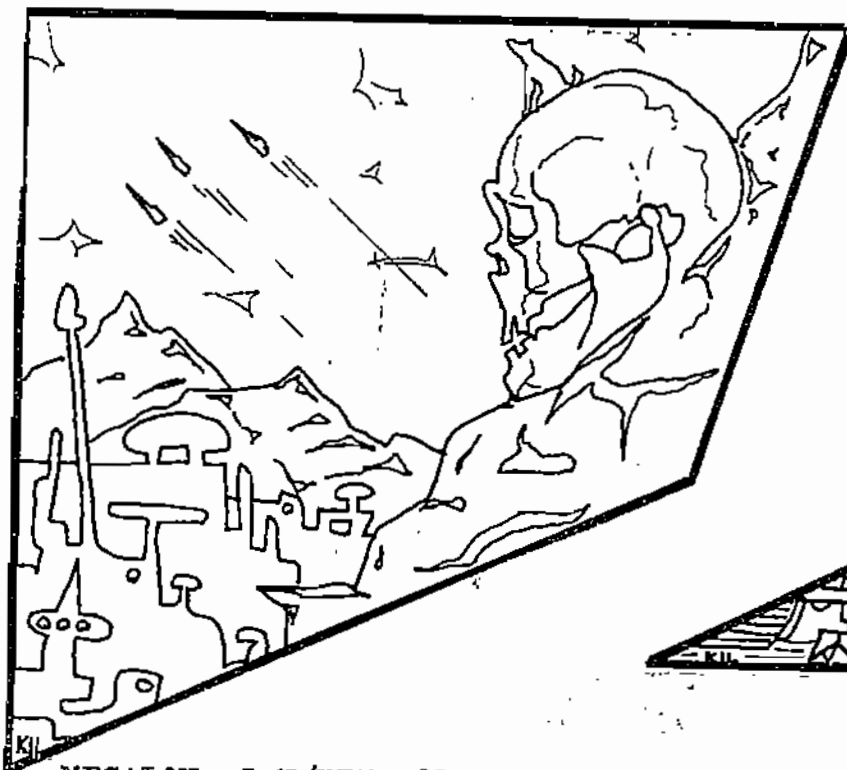
Kenneth McDonald. Este provocando uma guerra entre duas tribos a muito conciliadas. Após escapar de gases venenosos; piras flamejantes e explosões, o Fantasma liquida os vilões e reconcilia os nativos.

REFORMULAÇÃO

Com a onda de reformulações, o Fantasma não poderia ficar de fora, e coube a Mark Verheiden, o argumento. Tem como estilo a narrativa em primeira pessoa e uma interação história/leitor. Sua técnica é perfeita para o herói dando um toque de suspense a suas aventuras. Já o desenho passou às mãos do competente Luck McDonnell, que com um traço simples aliada a ousadas diagramações o transformaram no desenhista ideal do herói.

A editora Globo publica uma revista mensal em formato americano e uma bimestral em formato - Fantasma e Fantasma Extra.

Para aqueles que, ainda creditavelmente, ainda não leram o Fantasma, ainda é tempo de se impregnarem com a magia desse Espírito que Anda.



I CONCURSO

MEGALON

OS MELHORES DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Estamos lançando este evento na expectativa de se levantar junto ao fandom brasileiro, suas preferências nas seguintes categorias:

- 1) Melhor Escritor de FC de todos os tempos;
- 2) Melhor Romance de FC de todos os tempos;
- 3) Melhor Filme Longa-Metragem de FC de todos os tempos.

Você deverá votar nos 10 (dez) primeiros colocados em sua preferência. Para efeito de classificação final, cada voto tem um peso, sendo 10 pontos para o 1º lugar, 9 para o 2º, e assim por diante até 1 ponto para o 10º em cada categoria. Os votos devem ser efetuados na ficha de votação que segue anexa a esta edição.

Os três leitores-votantes que tiverem sua lista mais próxima do resultado final - incluindo a posição dos votados - ganha os seguintes prêmios:

- 1º Colocado: Uma assinatura de MEGALON e o livro A Micro Revolução de Peter Large. Sobre computação e informática.
- 2º Colocado: 1 edição grátis do MEGALON e cópia encadernada do livro The Star Trek Compendium de Allen Asherman.
- 3º Colocado: 1 edição grátis do MEGALON.

Se dois ou mais votantes empatarem, segue este critério de desempate:

- 1 - quem enviar mais rápido sua ficha de votos (vale o carimbo do correio no selo do envelope);
- 2 - For assinante há mais tempo do fanzine.

Observações:

- é proibida a participação do editor no concurso.
- os casos omissos serão resolvidos por esta editoria.
- é permitida a participação de fãs que não possuam este exemplar do MEGALON, mas para adquirir o regulamento é necessário a compra do zine.
- é aconselhável a cada eleitor, tirar uma cópia para si próprio de sua ficha para conferir com o resultado final.

Envie seus votos o mais rápido possível. A data limite para recebimento das fichas é dia 30 DE ABRIL

Outra observação: se o retorno das fichas for inferior a 40%, o concurso, para efeito de premiação, fica cancelado.

Os resultados finais e os vencedores do concurso serão anunciados na próxima edição - MEGALON Nº 15.

Não perca seu tempo!

Indique os melhores em sua opinião - escritor, romance e filme - e ainda concorra aos prêmios acima citados.

Vamos agitar, participar!!!

BRASIL PERDE TELESCÓPIO

O Brasil perdeu a oportunidade de sediar o maior observatório astronômico do mundo. O projeto, que mobilizou cientistas europeus, americanos e brasileiros, pretendia construir no Rio Grande do Sul, uma antena parabólica de 400 metros de diâmetro para sondar as profundezas do espaço. O observatório seria um centro para o desenvolvimento da astrofísica e um banco de provas para a eletrônica avançada, como os radiotelescópios que existem atualmente no Novo México, Estados Unidos, em Arecibo, Porto Rico, e em Parks na Austrália.

A idéia de construir um radiotelescópio gigante no Brasil surgiu em 1989 quando astrônomos do mundo inteiro vieram ao Rio de Janeiro para uma conferência sobre aglomerados de galáxias. Riccardo Giovanelli, ex-diretor do Observatório de Arecibo, explica que todas as grandes antenas de radiotelescópios estão situadas no hemisfério norte e só podem observar metade do Universo. A maior delas é a de Arecibo, uma antena parabólica de 300 metros de diâmetro, construída na concavidade natural de um vale em Porto Rico.

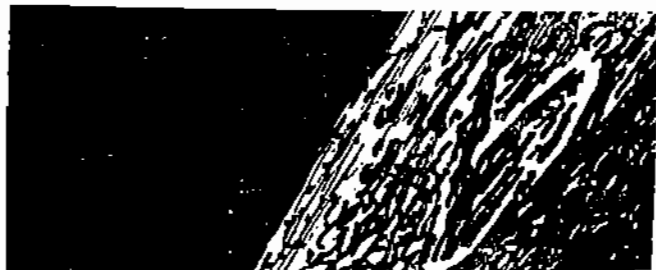
Ao contrário dos telescópios comuns, que captam ondas de luz, os radiotelescópios captam as ondas de rádio emitidas pela atividade eletromagnética das galáxias, nebulosas e estrelas. Antenas como a de Arecibo também são usadas para tentar captar sinais de vida inteligente no Universo ou para atuarem como imensos radares, esquadrihando a superfície de planetas como Vênus e das luas de Júpiter. O Brasil seria o lugar ideal para instalar uma antena desse tipo por vários motivos: Daqui se obtém uma visão ideal do centro de nossa galáxia, que fica na constelação do Sagitário, e das galáxias vizinhas, que são as Nuvens de Magalhães.

Além disso, sobre os estados do sul do Brasil fica a Anomalia Magné-

tica do Atlântico Sul, um buraco no campo magnético da Terra por onde penetram radiações e partículas vindas do espaço. A anomalia causa interferência nos satélites artificiais, como o telescópio espacial Hubble, que sofre panes temporárias ao sobrevoar o Brasil. Os astronautas também observam clarões na retina quando passam sobre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. O fenômeno é provocado pelo impacto dos raios cósmicos que penetram pela Anomalia Magnética.

Para estudar tudo isso, o radiotelescópio gigante seria instalado num vale entre montanhas no Rio Grande do Sul. Ao contrário de Arecibo, que tem forma de pires, a antena do radiotelescópio brasileiro seria uma tigela alongada com 400 metros no eixo maior. O custo, cerca de 20 milhões de dólares, seria financiado por um consórcio internacional formado pelos Estados Unidos, países europeus e o Brasil.

A parte brasileira seria paga através da conversão de parte da dívida externa que o Brasil tem nos bancos estrangeiros. Títulos da dívida externa seriam comprados e trocados por cruzeiros no Banco Central, obtendo-se um lucro que poderia pagar a construção do telescópio. Em outubro uma comissão de cientistas brasileiros e estrangeiros foi a Brasília, a apresentar o projeto ao secretário de ciência e tecnologia, José Goldenberg. Infelizmente o governo Collor não considerou o projeto interessante e vetou a idéia. Mas a comunidade astronômica internacional não pode ficar sem um grande observatório no hemisfério sul. Diante do desinteresse do governo brasileiro, o projeto será levado para a Austrália.



GALERIA DO TEMPO



MIGUEL FRANCISCO CARQUEIJA

Esta seção tem por objetivo comentar obras de ficção científica ou similares, em edições em língua portuguesa, de qualquer época.

* MISSÃO MERCÚRIO, de Hugh Walters. Galeria Panorama (Alferragide, Damia, Portugal), 1968. Série Antecipação nº 16. Título do original: "Mission to Mercury", Criterion Books, 1965. Tradução de Eduardo Saló.

Essa é uma das mais previsíveis histórias que eu já li no ramo! O autor é apresentado como "um cientista que pretende incluir as últimas descobertas comprovadas nas suas obras de ficção científica", e é colega de Clarke na Sociedade Interplanetária Britânica. Coloca-se portanto como autor de FC didática, mas sem o charme de um Julio Verne, por exemplo, ou das Areias de Marte, de Clarke. Falta-lhe sobretudo o elemento humano, psicológico; é tudo muito arrumadinho e pouco natural.

Na visão da história, as missões espaciais encontram-se unificadas pelas Nações Unidas e o cérebro das mesmas é um cientista inglês, Sir George Benson. É muito comum colocar a própria nação à frente nessas histórias; até um brasileiro, Marcos Cerqueira, publicou há mais de trinta anos, pela Tecnoprint do Rio, uma novela intitulada A Astronave Lunas B-1, sendo o "B" de Brasil... e aí nós fomos os primeiros a chegar à Lua. Acreditem ou não.

No livro de Walters, é também uma equipe unificada que realiza as missões mais importantes, coisa improvável na vida real. Tony Hale, mecânico, Morrey Kant, Serge Smylov e o chefe da equipe, Chris Godfrey. Serge um russo, Morrey um americano, os outros dois, ingleses. No começo do livro Benson reúne os quatro astronautas, comunica-lhes a próxima expedição, dessa vez ao planeta Mercúrio, e informa o acréscimo de um quinto elemento na equipe. E aí, num suspense bobo, Benson manda que eles saiam para tomar um lanche, para depois fazer a apresentação do quinto membro. Nessa hora eu adivinhei que só poderia tratar-se de uma garota - uma rapariga, como se vê nas edições portuguesas.

Depois desse "grande-espanto" ficamos sabendo que a moça, Gail e sua irmã gêmea, Gill, comunicam-se entre si por telepatia. O objetivo de Benson é testar essa forma de comunicação, mais rápida que a luz, e para tanto Gill ficará na Terra e Gail seguirá até Mercúrio. Então o carros das duas capota e uma das gêmeas fratura a perna. Eles vão ver e respiram aliviados: é Gill. Se Gail, que fizera o treinamento de astronauta, tivesse sofrido a fratura, não poderia seguir viagem; já a outra, mesmo engessada, só tem que manter a comunicação.

É lógico que eu vi logo do que se tratava! A ferida era Gail; mas elas trocaram de identidade para não frustrar a viagem. E Gill, sem aptidão para o vôo espacial, segue fingindo ser Gail. Como se pode ver, uma história bem pueril (até rimou).

Nota do Editor: Hugh Walters, escreveu também Destino Marte e Missão Vênus, com o mesmo background e personagens, se constituindo as três obras numa trilogia. Pânico no Satélite e Meta Lua, também foram publicados, todos pela Panorama. Ao que se sabe, estes foram seus únicos livros publicados em língua portuguesa.

* O DESABAFO DO HOMEM TOTAL (HOMO TOTUS), por Helando Marques de Souza, dentro do livro Você Gostaria de Desabafar? Editora Vozes, Petrópolis, 1988.

Esse conto de ficção científica encontra-se isolado numa coletânea de histórias que têm por tema principal o desabafo de pessoas angustiadas - especialidade do autor -, que é plantonista do CVV - Samaritanos e do Telefone Amigo. A idéia geral do livro é que desabafando, contando seus problemas a alguém que tenha paciência para escutar, a pessoa

atormentada obtém assim uma redenção, ou descobre a solução. Ao interlocutor não caberia muita coisa senão escutar, dialogar, fazer perguntas que levem a conclusões úteis sem dar conselhos e sem interferir nos acontecimentos. Uma tese discutível, mas que não cabe aqui analisar.

Vou falar apenas do único conto que pode ser classificado como FC, e que fecha o volume. Um cientista dialoga interminavelmente com um homem pré-histórico encontrado numa geleira e que, descongelado, mostra-se conhecedor de todos os idiomas existentes. O diálogo, transmitido pela televisão, provoca tamanho impacto político-social que os dois são obrigados a se esconder. Eles são, portanto, personagens tipo "salvadores da humanidade", arquetípicos, e a validade do conto fica dependendo muito da validade da mensagem.

Acontece que, de início, o primitivo sábio não fala como filósofo ou guia da humanidade. Começa dizendo coisas assim: "Já não tenho mais lágrimas. Aliás minhas lágrimas se transformaram em vingança." E logo depois: "Tenho prazer com o sofrimento alheio." Eis como começa quem tem uma mensagem transcendental ao mundo!...

O cientista conduz o diálogo evitando se comprometer, apenas sugerindo ou puxando pelas sucessivas revelações do "Homo Totus". Parece até um plantonista do CVV, que dialoga à base de perguntas e insinuações.

A mensagem é de natureza ecológico-transcendentalista. O "Homo Totus" refere-se seguidamente à "Mãe Natureza": "A mãe não está satisfeita com a poluição, principalmente a poluição do homem contra ele, ou melhor, dentro dele mesmo e fabricada por ele mesmo. Isto é auto-extermínio, e a mãe não aprova." A apóstrofe do primitivo atinge as asas delta, o boxe, as corridas de automóvel, a roleta russa, os tóxicos, o álcool e (pasmem) até o xadrez, que ele considera "autodestrutivo". Ele compara os atings cataclismos - que situa há milhões de anos (aumentando de muito a idade que os antropólogos calculam para a raça humana) - com os atuais. Sua descrição do pas-

sado é tétrica: "Subiam montanhas de fogo, aquelas ondas, hoje inofensivas, levantavam-se num cenário aterrorador, com sede de devorar a todos nós. (...) Muitos, centenas corriam em fuga (...) mas sobravam poucos; muitos ficavam naqueles rios que, na época, eram de terra fervente, lavas derretidas que a mãe usava para nos castigar; outros eram tragados pelas fendas (...) E então ficávamos à merce das feras, monstros desconhecidos, aves gigantescas (...).

Para o "Homo Totus" a situação atual não é melhor: "Agora, milhões e milhões padecem de fome (...) Quantos morrem de fome? (...) eles já têm a própria destruição implantada em suas cabeças; matam-se, destroem-se a si mesmos, milhares a cada dia, e ninguém percebe!" O problema é volui, portanto, para a agressão do homem contra o homem, do que foi inicialmente a natureza contra o homem e vice-versa.

Infelizmente a mensagem é muito confusa e também o enfoque, já que no início o cientista aparece em conjecturas de dúvida sobre o seu interlocutor, e no fim das contas já estavam ambos mancomunados. Ou não estavam?

Note-se que é o melhor conto do livro, sem dúvida por se tratar de FC, um gênero que, já pelo insólito que carrega, enriquece as histórias escritas em seus domínios. Os outros contos, mostrando a realidade prosaica (e por vezes cruel) da vida brasileira de clichês. Agora, é um tanto ingênua a idéia de que a redenção da humanidade possa ocorrer mediante uma transmissão de tv.

O autor, que eu conheço pessoalmente, tem outros livros publicados, com alguns contos fantásticos na coletânea Além de um Certo Desejo.



Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Orson Scott Card é uma das figuras mais representativas no campo da ficção científica e fantasia dos Estados Unidos. Tem publicados no Brasil os multi-premiados romances *O Jogo do Exterminador (Ender's Game)* e *Orador dos Mortos (Speaker For the Dead)*, N.º 1 e 2 da Coleção Zenith, além de *O Segredo do Abismo (The Abyss)*, pela Record. Em adição, sua ficção curta começa a aparecer na *Isaac Asimov Magazine*. Para os próximos anos o público brasileiro pode esperar novos títulos de Card, pela Zenith, em especial *Xenocide*, seqüência de *O Jogo do Exterminador* e de *Orador dos Mortos*. Card permitiu a tradução de sua coluna de resenhas vista originalmente em *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, para um fanzine brasileiro e, publicando-a, *Megalon* espera informar seus leitores quanto ao estado do gênero nos EUA e transmitir as opiniões deste que é um dos mais populares autores do gênero, em todos os tempos. Orson Scott Card esteve no Brasil em outubro de 1990, acompanhado da esposa Kristine, para participar como Convidado de Honra da I InteriorCon, bem como para divulgar suas obras aqui publicadas.

●Terence M. Green, *Barking Dogs* (St. Martin's, encadernação em pano, 1988, 214 pags.)

Eu queria gostar de *Barking Dogs* mais do que gostei. Suponho que eu esperava ver o Terence Green de Ashland, Kentucky e seus outros bons e sutis trabalhos recentes em ficção especulativa. Ao invés, este livro é uma expansão de uma muito mais tradicional história de ficção científica, uma história de bugiganga sobre um tira de Toronto que compra um "Cão que Late" (Barking Dog) — um portátil e perfeito detetor de mentiras que permite a você avaliar a honestidade de qualquer um que você veja ou ouça, mesmo na televisão.

Mitch, o tira, usa seu novo aparelho para iniciar uma inundação de manobra de vigilante, o modo de Mitch para obter a vingança sobre os criminosos que mataram seu bom amigo e parceiro Mario. A diferença entre Mitch e vigilantes de vida real na variedade populacho linchador é que Mitch sabe, absolutamente, que as pessoas que ele executa são culpadas.

As cenas de ação são excelentes, e a tensão forte. Há só um par de fraquezas. Primeiro, eu não posso acreditar que se um perfeito detetor de mentiras fosse facilmente encontrável, ele não teria se difundido quase imediatamente. E porque o relacionamento de Mitch com Mario consiste só de um bom coxo gracejo de cara durão, o que vemos apenas em flashbacks, eu nunca cheguei realmente a simpatizar com a cruzada de Mitch.

Entretanto, este livro é um bom romance de tira, e porque Green é um tão honesto e perceptivo escritor, o livro transcende seu material. É também o primeiro romance de Green, e seu romance progrediremos como suas histórias o tem feito, podemos procurar por livros verdadeiramente bons por Terence Green no futuro próximo. — Trad. R. S. Causo.

●Ian Watson, *Queenmagic, Kingmagic* (St. Martin's, encadernação em pano, 1988, 205 pags.)

Ian Watson é um escritor que nunca faz a mesma coisa duas vezes. Além disso, ele frequentemente não faz a mesma coisa que o resto tem feito. *Queenmagic, Kingmagic* não pode ser comparado com coisa alguma, exceto talvez uma contorcida comparação com "Isto é como Pirandello teria escrito *O Senhor dos Anéis*" ou "Em *Queenmagic, Kingmagic*, Franz Kafka encontra T. H. White".

O herói, Pedino, que será familiar a todos entre vocês que lerem de Watson a maravilhosa novela "Queenmagic, Pawnmagic" nesta revista (FeSf), é um jovem que descobre ter uma "alma total" quando, com seu poder mágico ele inadvertidamente assassina um amigo que tinha desígnios luxuriosos sobre a irmã de Pedino. Pedino é levado ao palácio, onde se torna um mágico White Pawn (peão branco) no vicioso jogo de xadrez em andamento entre magia negra e branca neste mundo medieval.

A adaptação de Watson do xadrez para formar a base de um mundo de fantasia é maravilhosamente capaz de entreter, mas Watson nunca está contente com um tour-de-force. Pedino se torna obcecado com o que concerne sobre o que acontecerá se um lado realmente realizar o cheque-mate e o mundo terminar. O que depois?

A resposta é um louco roteiro de mundos baseados em Monopólio, Chutes and Ladders e outros jogos, e pela hora que o romance termina, se sua cabeça não estiver completamente numa pressa louca, você não estava prestando atenção. *Queenmagic, Kingmagic* é um livro frustrante por ser tão curto — apenas quando um outro escritor pensar-la que começou bem, Watson já está terminado. Mas isto é dificilmente uma crítica quando a pior coisa que posso dizer sobre o romance é que eu desejaria que houvesse mais dele. É rápido e doloroso e desesperado, e levanta questões que farão você se sentir desconfortável por dias como se quizesse saber se seu próprio mundo é, depois de tudo, mesmo real.

●Suzy McKee Charnas, *The Silver Glove* (Bantam Starfire, encadernação em pano, 1988, 162 pags.); *The Bronze King* (Bantam Starfire, brochura, 1987, 189 pags.)

O narrador da nova série de romances para jovens adultos de Charnas é Val, uma garota ingressando na maturidade em Manhattan. Ela vive com a mãe divorciada, e o relacionamento delas não é tão próximo quanto Val gostaria — sua mãe tem suas próprias encrencas. O resultado é que Val está mais e pro sua própria conta, exceto por sua Vovó, que vive num lar de repouso perto, em New Jersey.

Em *The Bronze King*, Val se envolve num esforço para impedir um Kraken de invadir nosso mundo e engolir-lo. Charnas concebeu uma adorável espécie de magia para manter tais inimigos na baía. Há certos marcos e estruturas-chaves no mundo que fazem uma espécie de rede, segurando as coisas juntas. Uma estétua aqui, um velho prédio ali, e enquanto eles se mantiverem no lugar, nós estaremos seguros, as coisas não entrarão em colapso. Mas vândalos e especuladores imobiliários, entre elas, há muito vêm desfazendo nosso mundo até que o kraken tornou-se capaz de encontrar um local fraco por onde deslizar e rasgar as coisas em pedaços.

Val se associa a um músico de rua chamado Paavo, que fora incumbido de ser o guardião mágico de nosso mundo, e um rapaz adolescente chamado Joel, que está em conflito com sua identidade numa família musicalmente brilhante. Val também descobre que Vovó é uma das grandes magas do nosso mundo, e pelo menos algo do poder da Vovó desceu para Val.

Para o meu deleite, Charnas evita o clichê e a polêmica. Joel e Val não se tornam bons amigos para terem aventuras juntos eternamente; e embora as tentativas de Joel em ser o astro do show o mantenham fora do climax de um modo geral, Charnas não transforma isso numa lição feminista — é antes uma lição sobre não ultrapassar a si próprio em perseguição da glória.

The Silver Glove continua a história de Val, só que agora o foco está mais perto do lar. Um mago renegado está roubando as almas das velhas e inofensivas pessoas de rua, e as únicas pessoas que podem possivelmente pará-lo são Vovó e sua filha e sua neta. O mago manobra para usar nossas leis de mundo-real contra nós — ele consegue a Vovó diagnosticada como tendo a de Alzheimer, posa como conselheiro escolar de Val para assumir o controle dela, e seduz a mãe de Val sexual e emocionalmente.

Charnas manuseia o sexo tão delicadamente que eu, como um pai tão certinho quanto você provavelmente encontraria a este lado do 700 Club, não tive desmalo quanto a passar o livro para minhas crianças; ela manuseia as relações humanas tão verdadeiramente que eu não tenho que me desculpar por recomendar este romance "jovem adulto" para leitores sérios de fantasia adulta. As histórias são excitantes, e a tensão é inabrandável, as pessoas e lugares são maravilhosamente reais. Com estes livros, Charnas une-se a J. R. R. Tolkien (*Yarrow; Jack the Giant-Killer*), Megan Lindholm (*The Wizard of the Pigeons*), e Tom Deitz (*Windmaster's Bone; Fireharper's Doom*) no movimento em direção à fantasia mágica contemporânea — um muito mais promissor desenvolvimento literário, eu penso, que o horror contemporâneo. — Trad. R. S. Causo.

●Margaret Weis e Tracy Hickman, *The Darksword Trilogy: Forging the Darksword* (Bantam Spectra, brochura, janeiro de 1988, 391 pags.); *Doom of the Darksword* (Bantam Spectra, brochura, maio de 1988, 385 pags.)

No caso dos nomes não terem se fincado em sua mente, Weis e Hickman são os autores da série Dragonlance, livros que têm sido comercializados como os aparelhos de barbear BIC de fantasia medieval. Sem mesmo ler uma palavra de Dragonlance, eu estou certo de que conheço tudo sobre ela — livros desenhados como módulos Dungeons and Dragons, personagens que poderiam ter sido "rolados" com dados de dez lados, prosa tão adorável quanto um manual de usuário de software.

Então eu encontro Tracy Hickman numa convenção na BYU em Provo, Utah. Para meu espanto, painel após painel ele diz todas as coisas certas sobre o que ele acreditava que a boa narrativa de fantasia requer, e eu resolvi superar minha predisposição e dar aos seus escritos uma chance. Ele gentilmente me deu uma cópia de *Forging the Darksword*; logo depois, seu publisher enviou-me galés encadernados de *Doom of the Darksword*. Eu li ambos, e por isso comi corvo.

Não um bocado de corvos, imagine você. Os elementos de Dungeons and Dragons ainda estão lá (Hickman foi um designer de jogos para TSR), quando os autores ocasionalmente se lançam num discurso completamente irrelevante sobre as diferentes espécies de magia ou raças de magos — temos o bastante das regras deste mundo de fantasia que nos falta só uma lista de pontos de impacto e pontos fortes para começar o jogo. Mas ultrapassando tais excessos, estes são valiosas edições de tradição da fantasia medieval.

O mundo foi dundado por refugados da nossa perseguição às bruxas na Terra. Tão penetrante é a magia neste lugar que todos voem — exceto pelos catalistas, que não podem usar inteiramente a magia. Ao invés, os catalistas — descendentes daqueles que nós temos chamado de "familiares" — focam

o poder mágico e o provê aos outros. Ainda mais humilhados que os catalistas, todavia, são os Mortos — pessoas que nasceram vivas, mas sem magia. Usualmente às crianças nascidas completamente Mortas é permitido morrer de fome — estes usuários da magia não podem conceber uma vida sem magia como válida para se viver.

A história segue um catalista chamado Saryon e uma criança Morta chamada Jarom enquanto suas vidas convergem na fatura da Darksword (a Espada Escura), uma terrível alma que engole e destrói a magia das outras pessoas. Ao longo do caminho nós exploramos uma verdadeiramente notável e bem contruída sociedade; os autores desenvolveram as implicações sociais de uma magia difundida com perfeição antropológica. Sexo e tecnologia são considerados neste mundo como repugnantes lembranças de um passado desagradável; nossos heróis, naturalmente, se acham relutante mas irresistivelmente envolvidos em ambos.

Forging the Darksword quase nasce morto — o portentoso, postergado prólogo é seguido por um ainda mais portentoso e postergado segundo prólogo, o qual é seguido ainda por um outro portentoso e uma positivamente enfiadora cena de uma criança real nascendo Morta — até que os autores finalmente tem clemência e retornam a uma história com um personagem nela.

Uma vez que a história está em seu caminho, contudo, torna-se bem difícil de largar. O estilo de escrita é muito formal, o ponto de vista onisciente, quase como se os autores não houvesse lido nenhuma ficção escrita após 1880. O resultado é um pouquinho desajustado, às vezes — o diálogo poderia ter usado umas poucas contrações a mais — e a linguagem é sufocantemente embaraçante quando os autores tentam raptar ou os personagens tagarelam. Mas tudo por tudo, a linguagem pesada estabelece um tom apropriado para o que definitivamente não é fantasia leve. Mais ediante no primeiro livro, quando um perigoso mas hilariante personagem chamado Simkin faz um papel tipo Scarlet Pimpernel (completo com a eufemística praga "afunda-me"), a formalidade serve como um delicioso contraponto ao humor. E quando Saryon faz seu terrível sacrifício ao fim de Doom of the Darksword, apenas uma alta e formal linguagem cairia bem.

The Darksword Trilogy não é inovadora; se alguma coisa, é um regresso a uma antiga forma de romance. Mas inovação não é uma virtude absoluta; nem é e redutibilidade sempre um crime literário. Weis e Hickman começaram a criar uma fantasia é em uma capaz de entreter e substancial — e eles foram bem sucedidos em ambos os resultados. Eu nunca escreveria um livro como este; não é o modo que eu escolho contar minhas histórias. Mas fui movido e me delieci ao lê-lo; aplaudo os dois primeiros atos, e aguardo ansiosamente pelo terceiro. — Trad. R. S. Causo.

● Tom Deitz, Fireshaper's Doom (Avon, brochura, dezembro de 1987, 306 pags)

Um par de anos atrás, Windmaster's Bane de Tom Deitz foi um maravilhoso primeiro romance. Passado na Georgia rural contemporânea, foi a história de um grupo de adolescentes envolvidos com alguns bem feios e perigosos personagens das fadas. Eu calorosamente aprovo a fantasia mágica (em oposição ao horror) que usa cenários americanos contemporâneos, e Windmaster's Bane é uma das melhores delas — um daqueles raros romances de fantasia que posso dar aos amigos que usualmente não lêem fantasia.

Fireshaper's Doom é uma seqüência, e ela compartilha muitas das virtudes do primeiro livro. Se você gostou de Windmaster's Bane, lendo Fireshaper's Doom se sentirá como que voltando ao lar, quando David, Alec, e Liz são apanhados num entrelaçamento de vingança contra o sidhe.

Desafortunadamente, porém, Deitz parece ter mal interpretado o apelo do primeiro livro. Talvez porque o cenário da Georgia rural seja tão familiar a ele, ele não se conscientizou o quão novo e maravilhoso ele parece a leitores como eu; talvez porque ele ainda seja ainda consideravelmente novo nisto, não se conscientizou o quão ordinário demais é o seu pessoal das fadas. O resultado é que Fireshaper's Doom gasta tempo demasiado entre os antes chatos deuses das fadas, e em parte alguma passando tempo o bastante com os meninos da Georgia.

Após dez bilhões de fantasias coltas, é a Georgia que parece exótica e fascinante, enquanto os sidhe são tão finos quanto uma meia gasta. É como se Homero, escrevendo a Ilíada, houvesse virtualmente ignorado os gregos e gasto todo o seu tempo mostrando-nos as conversas entre os deuses. Mesmo a Bíblia só nos traz seres sobrenaturais para umas poucas cenas quentes de efeitos especiais. Boas histórias são sobre pessoas reais.

Fireshaper's Doom é um bom livro; ele só sofre pela comparação com o livro muito bom que ele segue. E desde que eu não sou um resenhador real, mas meramente um recomendador de livros, eu executarei minha humilde função, e gratamente recomendo a ambos. — Trad. R. S. Causo

● Bruce Sterling, Piratas de Dados (Islands in the Net - Arbor House/Morrow, 1988, encadernação em pano, 348 pags — no Brasil: Aleph, 1990, 383 pags)

Eu penso que há uma boa chance de Bruce Sterling ser lembrado um dia como tendo contribuído tanto para a ficção científica quanto, digamos, John W. Campbell, Alfred Bester, ou mesmo — Sterling certamente tem a capacidade, a destreza, e a inflexível ambição — Robert Heinlein.

Como Campbell, Sterling é um ideólogo, e enquanto eu goste de sua ideologia um bom bocado mais que gostava de Campbell, há sempre o perigo de que um bem sucedido ideólogo estreitará, não alargará, as possibilidades dentro da ficção científica. Esse perigo pareceu particularmente agudo há alguns anos atrás, quando "cyberpunk", uma freqüentemente estúpida trivialização da filosofia de Sterling, conduziu a uma série de rasas histórias passadas em quase idênticos futuros de contra-cultura que eram quase tão creditáveis quanto a última trilogia de fantasia passada entre as

turvas sombras da Idade Média.

Enquanto o próprio Sterling produziu poucas histórias "cyberpunk", ele pareceu complacente o bastante com o engaiolamento de seu movimento pelos não-imaginativos. Entrementes seu próprio romance, Schismatrix, permaneceu um cult favorito entre aqueles para os quais idéias são tudo, e um livro mortalmente ilegível àqueles de nós que realmente preferem ter histórias em nossa ficção.

Agora aqui está Piratas de Dados, no qual Sterling finalmente faz uma FC brilhante ao invés de falar sobre ela. Como vemos a esperar de Sterling, o livro é tão grosso em idéias que escritores menores poderiam fazer carreiras inteiras roubando-as. Mas nós estamos acostumados a Sterling como sendo mais inteligente e criativo que qualquer outro escrevendo hoje.

As surpresas vêm do que mais ele tem feito — níveis de realização só insinuados no melhor de sua ficção curta.

Surpresa 1: A história é uma terrificante ficção científica de ação-e-aventura. Pessoas pelas quais nos importamos profundamente estão em grave perigo. Eles fazem escolhas que mudam suas vidas e o mundo. Enquanto o enredo dobra e gira, nós somos interminavelmente surpreendidos — e invariavelmente satisfeitos.

Surpresa 2: O romance não é apenas politicamente atento — é politicamente maduro. Sterling entende o quão tentador é o poder, o quão frágeis são as comunidades. Ele também não amontoa o baralho por dar todas as boas idéias a um grupo ideológico. Há alguma verdade e bondade em quase todo movimento, tanto quanto alguma fraqueza e corrupção ou alto decepção. Nunca há uma vitória de corte-claro, nunca uma derrota de qual não há esperança de se recuperar. Em resumo, seu livro parece como uma história verdadeira, algo que eu nunca encontrei em qualquer outra ficção científica de futuro próximo.

Surpresa 3: Piratas de Dados é também romance brilhante (de Romance gênero), ambos no sentido de história de amor e no sentido de uma história misticamente verdadeira. Inicia com um casal casado celebrando sua primeira criança — rica com sobretons de própria experiência de Sterling em replicação de seu material genético.

Nós seguimos a mulher, Laura, por ela ser a que está fora para mudar o mundo. Nós observamos quando ela parece estar vencida, mesmo destruída. Então a vemos salvar seu ser verdadeiro — e alguma verdade vital — das ruínas da derrota. Ainda que o preço que ela pague não seja trivial. Como Jó, ela perdeu tudo; diferente de Jó, ela não o tem de volta. Mas ela viu, se não a face de Deus, então as faces do Bem e do Mal, não infantilmente desenhados com chapéus brancos e pretos, mas antes com as surpreendentemente feias e belas faces que ambos os lados vestem no mundo real.

Bruce Sterling seria importante de qualquer modo pelo que ele diz sobre ficção científica. Ele será agora importante também pela ficção científica que escreveu. Sua influência agora será experimental, não apenas ideológica: qualquer escritor que ler Piratas de Dados terá um novo e mais claro padrão do que a ficção científica deveria — deve — ser.

Mas mesmo que você não dê a mínima sobre o que é "importante" para a FC, você deveria ler este livro por puro e maravilhoso divertimento. Com exceção de uns poucos lugares lentos que preferivelmente seriam breves, Piratas de Dados é um thriller político de primeira linha. Se fosse comercializado como um Clancy ou um Ludlum, faria Sterling rico. Ao invés, ele deu o livro a nós — e portanto nos fez mais ricos. — Trad. R. S. Causo.

FICÇÃO CIENTÍFICA INTELIGENTE

- 1 — O Jogo do Exterminador — Orson Scott Card
- 2 — Piratas de Dados — Bruce Sterling
- 3 — Orador dos Mortos — Orson Scott Card

EDITORA ALEPH

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3º andar
CEP-05711 São Paulo - SP

● James Gleick, Caos — A Criação de uma Nova Ciência (Chaos Making a New Science - Viking, 1987, encadernação em pano, 354 pags — no Brasil: Editora Campus, 1989, 310 pags)

Caos não é ficção científica. Ao invés, é história contemporânea — como uns poucos cientistas práticos manejeram para erguer seus olhos do precipício de suas próprias disciplinas e arrastar uma perspectiva mais larga, uma que os deixasse perceber que um bando inteiro de ramos diferentes da ciência estavam encarando questões similares que realmente poderiam ter respostas similares. A encanância era, eles não podiam achar ninguém de fora de suas próprias disciplinas para prestar-lhes a mais leve atenção — exceto por uns poucos esquisitos e quem ninguém ouvia de qualquer modo.

A ciência real que eles descobriram é fascinante por seu próprio direito, mas a mensagem global do livro transcende mesmo a excitação de descobrir regularidade dentro do caos: Este livro afirma que quando algo é verdadeiro, eventualmente se tornará conhecido, a despeito dos melhores esforços da ignorância entrincheirada em derrubá-lo. E idéias esposadas somente pelo aca-

democamente intocáveis podem eventualmente se transformar nas chaves para destrancar respostas a questões que o establishment era miópe demais até para perguntar. Eu amei o livro como ciência. Eu o amei como uma história. Assim você o fará.

(Também vi nela algum raio de esperança de que talvez tais coisas poderiam acontecer no campo da crítica literária. Talvez algum dia, se o bastante de nós, proscrios literários façam barulho o bastante, as pessoas notarão que o melhor da literatura americana do quase-fimdo-século-XX está aparecendo aqui, na FC e fantasia — a Literatura do Estranho.)

— Trad. R. S. Causo.

Wayland Drew, Willow (Ballantine/Del Rey, brochura, fevereiro de 1988, 276 pags)

A linha oficial de crédito sobre este romance é "Um romance por Wayland Drew, baseado num roteiro de Bob Dolman, de uma história de George Lucas". Mas a linha de crédito deve certamente ser estendida: "...de uma história de George Lucas, baseada inteiramente em cada filme que Lucas já viu, e acontecendo num mundo muito mais emprestado de J. R. R. Tolkien."

Que rudeza e minha. Afinal de contas, isto é exatamente o que Lucas fez com Star Wars — unir todas as maravilhosas space operas ingênuas dos anos 30 e 40 e torná-las reais. E quando eu senti ali no cinema com meu alerta clichê disparando a cada quatorze segundos, eu não pude evitar de admitir que estava me divertindo. Meus meninos adoraram — uma experiência de filme poderosa como eles já jamais tiveram. Minha filha ficou desconsolada quando a parteira morreu. As crianças são a audiência perfeita para este filme: eles nunca viram nada igual antes.

Mas, e o livro? A, sim, a novelização. Veja bem, eu o li antes de ver o filme, e posso exatamente resenhá-lo aqui — como um livro. E posso dizer-lhe isto: é uma adaptação fiel do filme. Ele reproduziu fielmente todas as falhas do filme. Desafortunadamente, os efeitos especiais da Industrial Light and Magic, o charme dos realizadores, e o doce toque de direção de Ron Howard não estavam presentes na novelização.

Drew parece ser um escritor muito bom, mas ele cai na armadilha do dilema de todas as novelizações. A história já existe. Alguém mais a escreveu. Ele é, portanto, um meio tradutor. Não um tradutor de uma língua para outra, contudo — ele está traduzindo de um meio para outro, e a triste verdade é que é extremamente difícil fazê-lo bem.

Você conhece o problema, porque você o viu vez após vez caminhando para outro lado. Um bom filme geralmente contém tanta história quanto uma novela longa ou uma novela curta. Assim, traduzir um romance para a tela significa deixar de fora uma porção de coisas — incluindo a vida íntima completa dos personagens. Trabalhando ao contrário, o "novelizador" acha que deve preencher as páginas de um romance somente com o valor de uma história própria de uma novela. Mas ele não consegue preenchê-la com sua própria invenção — ele deve, como qualquer bom tradutor, servilmente reproduzir o mundo de um outro alguém, os personagens, e os eventos. Pior ainda, poucos novelizadores chegam mesmo a ver o corte final do filme — os manuscritos devem ser entregues enquanto o filme está ainda sendo filmado.

O resultado é que Drew fez quase tão bem quanto alguém pode fazer num trabalho mal agradecido. Sua prosa fica púrpura de vez em quando enquanto ele tenta descrever o que somente pode ser mostrado, ou tenta mostrar a atitude de um personagem que consiste em nada mais do que algumas poucas linhas de diálogos com um ator introduzido para diá-lo.

Uma novelização pode realmente ser um bom romance, em termos romancísticos? Eu imagino que seria possível — se o produtor do filme tivesse respeito suficiente com a palavra escrita para trazer o novelizador à sua confiança e torná-lo um colaborador. Mas quando Lucas — ou qualquer outro produtor de FC/fantasia — alguma vez mostrou alguma evidência de saber como ler um livro completo? Existem poucos. John Boorman, James Cameron. Talvez alguns outros que eu tenha esquecido. Mas para a maioria deles, a novelização é tão importante quanto o jogo de tabuleiro, as camisetas, as figuras de ação, e os livros de colorir. Se Willow é um livro de segunda qualidade, não é culpa de Wayland Drew — ele é um tradutor muito bom. É culpa de George Lucas. — Trad. Antonio de Sousa Causo.

Nota: Após a publicação desta resenha, Card foi chamado por James Cameron, aqui citado, para por à prova as teses desenvolvidas acima. Com acesso às filmagens de O Segredo do Abismo (The Abyss) e com liberdade e confiança do diretor Cameron, Card escreveu a novelização do filme, publicada no Brasil pela Ed. Record. O romance foi considerado a melhor novelização de um filme em 1989, pelo semi-prozina Locus.

Kate Wilhelm, Crazy Time (St. Martin's, 1988, encadernação em pano, 248 pags)

Eu amo os velhos filmes de comédia excêntrica da era preto-e-branco: His Girl Friday, Bringing Up Baby, Arsenic and Old Lace. Eu amo as engenhosas comédias satíricas de Hepburn e Tracy. Eu amo as comédias de personagem de Jack Lemmon e Walter Matthau. O que eu não amo é a maioria das tentativas patéticas de comédia em ficção científica e fantasia.

Você vê, a maioria das comédias — enquanto opostas à sátira — em nosso gênero é escrita por e para oito anos de idade. Credibilidade de personagem ou situação é alegremente atirada fora em prol de uma piada estúpida. Os autores parecem cair na risada sobre seu próprio humor — eles pensam que são um bocado mais engraçados do que eu jamais pensei que fossam.

A essência da boa comédia é que ela é verdadeira, que a audiência se importa com o que acontece. Certo, os personagens são exagerados, mas os esquisitos — mas nós também gostamos deles, queremos que sejam bem sucedidos. Sua esquisitice não é em si uma piada, mas antes e fonte

de problemas. A atitude do personagem contra esses problemas — a raiva do Pato Donald, a indiferença fingida de Cary Grant, o ânimo de Katharine Hepburn — daí é que vem o humor. Em outras palavras, boa comédia não é toda risos — a audiência deve estar emocionalmente envolvida o bastante para dizer "Oh, não!" quando alguma coisa dá errado para o personagem. Só quando o personagem tenta lidar com o problema é que o riso começa.

Eu proponho que Crazy Time de Kate Wilhelm é a primeira comédia excêntrica de FC que realmente funciona. Que Kate Wilhelm é a primeira escritora vista por mim que pode escrever de personagens excêntricos engraçados com dilemas esquisitos que são, todavia, absolutamente convincentes. Além disso, sua grande convicibilidade faz de Crazy Time ficção científica de primeira qualidade.

Certo, tudo depende de um menino gênio irrompendo num computador experimental e desenhando um raio da "morte" que realmente funciona — mas não é sobre isso que é a história. Ao invés, nós seguimos as aventuras de um jovem artista excêntrico que subitamente se acha disperso através do universo conhecido pelo ralo da morte. Ele só aprende a se remontar gradualmente — sem roupas, desafortunadamente — próximo a uma terrivelmente bela mulher, que ele realmente nunca encontrara antes.

Eles se apaixonam? Eles logram o cara paranoico do governo que está para destruí-los? Pode ele convencê-la de que ele realmente existe e que ela não está ficando louca? Enredos de comédia soam tão estúpidos quando você os resume. Então outra vez, assim também com a maioria dos enredos de ficção científica. É o bastante dizer que a menos que seu senso de humor não possa lidar com nada menos sofisticado que Ulisses — ou mais sofisticado que Os Três Patetas — você amará Crazy Time. — Trad. R. S. Causo.

Piers Anthony, Bio of an Ogre (Ace, encadernação em pano, maio de 1988, 297 pags)

Algumas vezes este livro é a memória de Piers Anthony; algumas vezes ele é sua apologia; algumas vezes é sua confissão. Piers nunca fez minha cabeça. Ele nunca teve que o fazer.

Se algo fica claro em Bio of an Ogre, é o fato de que Piers Anthony não viveu sua vida para agradar às outras pessoas. Mas então, as pessoas não tiveram exatamente que viver suas vidas para agradá-lo, também. Ele não tem distância de si mesmo — trabalha mesmo mais duro para justificar suas próprias ações quando está parcialmente errado que quando está claramente certo.

Todavia tal honestidade-sem-perspectiva absoluta sobre o que ele acredita ser é o que faz este livro valer a leitura. Esta não é uma daquelas plásticas autobiografias nas quais pessoas famosas tentam se fazer parecerem boas. Nem é este um livro tipo beija-e-conta, no qual celebridades tentam se elavar por depreciar as pessoas a sua volta. Piers Anthony ao invés revela-se como sendo exatamente a espécie de pessoa que é de uma vez o venano e a raison d'être da ficção científica: Ele insiste em ver o mundo através de seus próprios olhos, e não como alguém mais lhe disse para ver. As vezes isto aborrece as outras pessoas. As vezes ele está mortalmente errado. Mas não há possibilidade de gênio sem peculiaridade de visão.

Sem dúvida seus capítulos sobre brigas dentro do nosso mundinho de sci-fi pegaram a maior parte da atenção. Isso é uma vergonha. Porque a maior parte do livro é sobre outras coisas, que importam muito mais. De sejaria poder ler tais candidas e auto-reveladoras "blos" por um bocado de outras figuras que eu admiro. Mas poucas delas têm o tutano para fazê-lo. — Trad. R. S. Causo.

R. A. MacAvoy, The Grey Horse (Bantam Spectra, brochura, maio de 1987, 247 pags)

Este não é um "romance de cavalos". Você não tem que amar cavalos para amar este livro. Nem é ele uma "fantasia celta" — um daqueles livros onde o autor começa por assumir que você ama qualquer coisa irlandesa, ou galesa ou escocesa, e se não ama, você pode ir para o inferno.

O que The Grey Horse é, meus amigos, é uma maravilha. Passado nos últimos anos do conflito irlandês contra a Inglaterra, seus personagens principais estão envolvidos em alguns incidentes políticos, ainda — mas isso não é a história toda. E a história é contruída em torno de um pookah, um cavalo de fadas que se transforma num homem quando quer que se sinta assim — mas isso não é a história toda. E há um filho desvalorizado que tenta destruir seu pai; e uma tocante história de um Senhor inglês que quer provar e si ser um verdadeiro irlandês; e a história de um jovem que amadurece através do domínio de equitação; e a rivalidade entre uma robusta mas gorda mulher bestarda e sua bela, legítima e rasa irmã mais jovem; e a história de um pregador que não pode equilibrar os chamados opostos da Igreja e nacionalismo; e a história de um ganhão louco que vive só para vencer corridas mesmo que destrua a si mesmo — mas nenhuma destas, sozinha, é a história toda.

Porque MacAvoy realmente povou seu mundo. Cada personagem que aparece em seu livro é real e inteiro, com seu próprio passado, suas próprias necessidades condutoras. E MacAvoy artisticamente prestidigitou todas as histórias para que assim nos importemos profundamente com como cada uma delas se revela, e embora poucas terminem num caso romântico padrão, todas as histórias terminam de um modo que é verdadeiro e certo. Este é a espécie de livro que termina com uma doce melancolia que faz você grato por estar vivo; que faz você desejar não ter que deixar o mundo do livro, ou despedir-se destas pessoas que você conhece e gosta tão bem.

Aqui está um fato espantoso: R. A. MacAvoy, a autora da trilogia Damiano e Tea with the Black Dragon e Twisting the Rope e The Book of Kells, todos eles boas e influentes contribuições para a fantasia contemporânea — nenhum deles foi dada jamais uma edição capa-dura. Ainda que a linha de FC/fantasia da Bantam dê regularmente publicações capa-dura para romances muito menos substanciais que estes. Não importa que tal desprezo repetido certamente conduzirá MacAvoy para um publisher que reconheça seu valor — isso é problema da Bantam. O que me incomoda é que eu quero ter The Grey Horse em capa-dura. Quero-o em minha estante para sempre. Quero que minhas crianças cresçam para este livro. E algum cabeça de prego da Bantam decidiu que ~~para~~posta era não antes mesmo que eu pedisse. — Trad. R. S. Causo

CLASSICS

Horror de Drácula

por GILBERTO SCHOEREDER

É um acontecimento relativamente comum no cinema que atores fiquem marcados por um determinado personagem. Isso aconteceu com Anthony Perkins como Norman Bates, o assassino neurótico de Psicose - também conhecido como A Mãe Era o Filho -, e também, em menor escala, com Jack Nicholson e o igualmente neurótico (porém possuído) assassino de O Iluminado.

Mas nenhum deles se compara ao efeito que o personagem Drácula teve sobre a carreira de Christopher Lee, o maior de todos os vampiros do cinema. E tudo isso começou em 1958 com o filme que hoje é um clássico do gênero, O Vampiro da Noite - mais conhecido pelo título da TV, Horror de Drácula. Lee percebeu o que poderia acontecer e chegou a negar-se a representar o personagem no filme seguinte. Mas não resistiu ao gostinho de sangue, e acabou encarando de vez o vampiro.

Horror de Drácula é um dos marcos do cinema de terror, juntamente com A Maldição de Frankenstein, de 1957 onde Lee é o monstro, e trabalha também com Peter Cushing e o diretor Terence Fisher. Esses filmes significaram não apenas o renascimento do cinema comercial inglês para o mundo, mas uma retomada de grandes temas e realizações para o cinema de terror como um todo. Alterou a idéia que se fazia dos filmes de terror no final dos anos 50, utilizando uma produção cara. Era a produtora Hammer entrando numa fase de criatividade intensa, unindo os aspectos artísticos e comerciais com os quais todo diretor sonha - ou quase todos.

Terence Fisher firmou-se como o principal diretor desse período, utilizando o sistema Eastmancolor como forma de realçar os contrastes, criando imagens fascinantes, como não havia sido feito até então. O roteiro é de Jimmy Sangs -



ter - que mais tarde também dirigiu alguns grandes filmes do gênero - e segue de perto a história original de Bram Stoker, apresentando as atividades vampirísticas do Conde Drácula e a caçada de que é vítima, movida por seu maior inimigo, o Professor Van Helsing, interpretado por Peter Cushing, o maior "van helsing" do cinema.

O Conde apronta em Londres, a grande metrópole da era vitoriana, aterrorizando não apenas jovens inocentes, mas também outras nem tanto. Fisher e Sangster utilizaram muito bem o motivo histórico, a sociedade inglesa reprimida e conservadora na superfície, mas no fundo doídiva por uma boa e gostosa mordida no pescoço. As forças conservadoras e cristãs - ao contrário do Conde, violentíssimas - são representadas pelo Professor Van Helsing e seus asseclas, aquele grupo de bobões amedrontados que procuram conservar a pureza da virgem, mesmo quando ela já não é mais. Para as mulheres é impossível resistir ao olhar de Christopher Lee.

Ele é profundo e hipnotizante, prometendo maravilhas. Os caçadores do vampiro cercam a casa e o quarto da jovem com todo o aparato para deter o avanço do sedutor das trevas, só que não adianta nada, uma vez que ele já se encontra lá dentro, e faz a festa.

Ao contrário das histórias recentes de vampiros - principalmente a série com o vampiro Lestat -, não existe o aprofundamento da personalidade do Conde. Ele é o Príncipe das Trevas, e sua função é sobreviver em primeiro lugar, tendo prazer, em segundo, e aterrorizar, em terceiro. Além do que, ele é um Conde numa sociedade onde isso já representa apresentação suficiente. Os heróis do filme de Fisher são, na verdade, desesperados, e no fundo querem mesmo é ser o conde, sentindo toda a sensualidade que a entrega à mordida do vampiro representa. Drácula não tem as restrições morais dos cristãos reprimidos da Inglaterra vitoriana, e então manda ver. A história e a liberação dos anos 60 mostrou que ele estava certo.

Até alguns anos atrás, o filme ainda podia ser visto de vez em quando na TV, naquelas noites em que eles não tinham mais o que apresentar. Ainda continua inédito em vídeo.



HORROR DE DRÁCULA (Horror of Dracula) Inglaterra, 1958, Hammer. Direção : Terence Fisher; Produção: Anthony Hinds; Argumento: Jimmy Sangster, baseado no romance Dracula, de Bram Stoker; Fotografia: Jack Asher; Música: James Bernard; Com Christopher Lee (Conde Drácula), Peter Cushing (Prof. Van Helsing), Michael Gough (Arthur Holmwood), Melissa Stribling (Mina Holmwood), Carol Marsh (Lucy), Valerie Gaunt (Mulher Vampiro), Miles Malleon (Marx, empregado da casa funerária), John Van Eyssen (Jonathan Harker), Charles Lloyd-Pack. Distribuição da Universal Pictures, Colorado.



CARTAS

- Parabéns pelo número 13 do MEGALON. Muito bom, como sempre, quer pela qualidade e variedade das matérias, quer por sua coerência editorial e fidelidade ao verdadeiro espírito do fanzine de FC. Congratulações pelo segundo aniversário. Vida Longa, Próspera e muitos 'NOVA' .
-- R.C. Nascimento, São Paulo - SP

R: Fico contente por ter gostado do número 13 e elogiar o fanzine de uma forma geral. É bom ser reconhecido, e vindo de sua pessoa valoriza ainda mais, visto que você é uma das principais figuras de nossa FC. Um abraço.

- Apesar de inquieto com a saída do Renato na editoria do zine, fiquei satisfeito ao ver que MEGALON manteve seu nível. Era um receio que eu tinha de vê-lo definhar melancolicamente número a número. Até tinha comentado com você, Marcello, que preferiria ver MEGALON acabar no auge do que ir decaindo aos poucos. Oxalá tal não aconteça nos meses que estão por vir e, a depender de seu esforço, MEGALON continuará. Lamentavelmente, o mesmo não pode se dizer do "fandom" que, julgando um livro pela capa, tem deixado de incentivar a publicação ou nunca incentivaram (à excessão de duas ou três dezenas de pessoas). É pena. Não há dúvida que o zine tem suas falhas, particularmente no que diz respeito a parte gráfica e de diagramação, mas não será com o abandono que irá melhorar. Acho que o editor, mais do que qualquer um, adoraria ver sua "cria" com o melhor acabamento possível. O apoio e a colaboração são ingredientes vitais a qualquer empreendimento, críticas construtivas idem. Apesar de tudo, MEGALON está deixando sua marca e gostei de ver as citações que teve na IAM. Aquele abraço. -- Roberto Schima, São Paulo, SP

R: Como já comentei com você, o zine não corre perigo de vida, se depender de minha vontade de publicá-lo. Segue adiante, com muitos planos pela frente. Pena ser tão poucos os que pensam e agem como você,

que critica construtivamente e é um dos maiores colaboradores deste fanzine desde seu surgimento. Para variar, sai neste nº mais um conto e ilustrações de sua autoria. Vale u pelo apoio de sempre.

- Parabéns pelo excelente trabalho desenvolvido em MEGALON nº 13, com belos artigos, resenhas, contos e ilustrações. Parabéns ao Causo também pela força e ajuda ao MEGALON. Com certeza o fanzine terá uma vida longa pois você tem competência e raça, qualidades importantes para quem se aventura no mundo underground da informação. Parece piada, mas acho que o MEGALON é mais reconhecido internacionalmente do que dentro de seu próprio país, devido talvez ao pouco apoio de nosso fandom. E como fanzineiro é masoquista mesmo, eu retorno à imprensa alternativa, desta vez editando uma simples e modesta publicação de nome Vortex e cujo objetivo é a divulgação do cinema de ficção científica e horror. São 10 páginas a cada dois meses. Eu agradeceria o apoio de todos os fãs que acreditam e valorizam as publicações independentes e não-profissionais. Grato.
-- Renato Rosatti - editor Vortex, São Paulo - SP.

R: Ficamos dois anos batalhando, e o zine não pereceu mesmo com sua sentida saída. Realmente, talvez os gringos gostem mais do zine do que o povo daqui, pena que eles não lêem em português... Você pediu para eu não publicar a última parte de sua carta, mas não concordo: você deve lutar e continuar editando seu zine! Seja mais pragmático e não se renda porque alguns não te apoiam. Seu zine é ótimo e importante para os gêneros. Siga em frente!

EM TEMPO: Rosatti está desistindo de sua nova iniciativa, porque recebeu resposta de apenas 5 leitores para assinar o zine. Isso é uma vergonha! Vamos colaborar, não com ele, mas com a própria FC nacional, que precisa sempre, ainda mais no Brasil onde os gêneros são tão fracos, de novos canais de divulgação. Para

assinar e colaborar com o seu fanzine, escreva: Vortex - Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 04773 São Paulo, SP. A assinatura é de 2 BTNs fiscais por uma única edição. Envie cheque nominal em seu nome.

*Algumas anotações a respeito da crítica de Roberto Causo (na coluna 'Diário de Borão' em MEGALON 13) :

O Roberto é um homem inteligente. Como escritor de ficção, ele é onipotente, como nós todos somos. Mandamos os personagens, inventamos os temas e não temos de dar satisfações a ninguém. É claro que o resultado pode ser bom ou mau. Entretanto, se trata de crítica literária, não é a mesma coisa, as regras são estritas e a ética rigorosa. É pacífico e evidente que um Crítico (um bom crítico) deve ter cultura ampla, sensibilidade, bom senso e modéstia. Classificar escritores, ou mesmo classificar e julgar até as pessoas dos autores, como o Causo tem feito, é uma tarefa de grande responsabilidade, porque colocar-se no papel de Juiz que determina sentenças não é fácil. No número 13 de MEGALON, Roberto Causo escolhe o "ranking" dos dez melhores para a década de 1990. E acrescenta, "arriscando-me a ofender alguns amigos". O bom crítico, geralmente, deixa orgulhoso o analisado, pois é uma prova de consideração uma análise competente em uma obra de arte. Ao que parece, o Causo já desconfia que não é bem isso o que ele faz. Em todo o caso, espero que ele suporte tranquilo esta crítica ao crítico. Fiquei muito admirado da sua coragem em classificar (como se fosse uma corrida de Fórmula 1) os dez primeiros escritores de FC brasileiros. Estou em quarto lugar, não sei porque. Também não sei se é para ficar triste ou contente. Mas, o grave nessa crítica do Causo, não é exatamente a onipotência da sua lista. O crítico pode dizer gosto ou não gosto (desde que alinhie argumentos) o que o Causo não faz. São levianas e injustas suas afirmativas, inconsequentes e gratuitas. Eu faço parte da lista que ele afirma "se profissionalizaram de 1980 a 1990". Não sei o que Causo entende por "profissionalização". Ver de literatura nenhum da lista

vive. Ganhar algum dinheiro com FC, tenho ganho há muito mais tempo, em dolares e outras moedas estrangeiras. Aliás, minha atuação como autor que publica no estrangeiro é bem conhecida do Causo, mas foi completamente escamoteada na sua classificação dos "dez mais". Ele afirma ainda que eu sou "para muitos alguém cujo verdadeiro estágio qualitativo da sua literatura ainda está para ser avaliado." Talvez por uma questão de idade, posso dizer tranquilamente que a minha literatura de FC foi a mais avaliada da lista, principalmente no estrangeiro, por figuras como A.E. Van Vogt, Harry Harrison, Sam Lundwall, Brian Aldiss, Frederik Pohl, etc. etc. Também ganhei prêmios nacionais importantes com minha literatura de FC (estou deixando de lado a poesia). Em crítica literária séria, não se pode escrever "para muitos..." Esse tipo de afirmativa se parece com fofocas que começam "todo o mundo anda falando mal de você..." e quando se pergunta quem, não aparece nenhum nome. Eu gostaria que o Causo revelasse quem são esses "muitos". Também sua afirmativa: "seu segundo romance vai tirar as dúvidas", é muito pejorativa e eu não fico sabendo quais dúvidas são essas. Mas, é preciso ser justo, eu não fui o único a ser impietosamente julgado pelo Causo. O primeiro lugar, o Bráulio Tavares, foi acusado de não saber evoluir em seus enredos e não enfrentar o desafio de peças mais longas (fosse um autor de hay-kays e estaria perdido). O segundo, Ivan Regina, é o "mais genial autor brasileiro de FC". O que não pude entender é porque o Causo não lhe deu o primeiro lugar... Também não entendi porque falta a ele o fator "entretenimento". "Pode se tornar um Sheckley brasileiro... se encontrar editor." Entretanto, o próprio Sheckley não encontraria um editor no Brasil com muita facilidade.. Sobre o terceiro colocado, Ivanir Calado, infelizmente nada posso falar porque não li. Depois de A. Carneiro vem o conhecido Calife. Causo acha que ele não "alcançou sua maturidade". "Para alguns, está em um beco sem saída..." Causo diz mais, que imita estilos e temas... mas o consola no fim dizendo que vai "florescer"

Mas, se o Causo gosta tão pouco do Calife, também não sei porque o colocou em quinto lugar. Para mim, na fila de espera, tenho um bom companheiro, podemos conversar à vontade. Sexto, o Flory, "que espera seu melhor momento"... Sétimo, Marien Calixte, que infelizmente também ainda não li. Oitavo, o meu companheiro de geração, Rubens Scavone. Não sei se bem entendi, mas o Causo parece ter lido dele somente um conto que "lhe chegou às mãos". Diz mais, que foi "aceito" na Academia Paulista de Letras. O verdadeiro termo é "eleito". Também o Rubens nunca fez parte do "Legislativo", ele era Procurador da Justiça. Sobre o Rubens, Causo tem "a grande dúvida se sua prosa carregada de adjetivos e citações poderá ombrear-se a nível temático a uma FC nacional que caminha para a modernidade." O Causo precisa explicar o que é "nível temático" e o que é "modernidade"... O penúltimo colocado, José Fernandes, tem "possibilidades de produzir uma FC mais clássica, de qualidade e ainda digerível". Entendi que o Zé não precisa de modernidade. Ele pode ser clássico e digerível. Gostaria de saber o que o Causo entende por "clássico e digerível". Também fiquei espantado com o conselho de que deve "dosar sua intenção de ser lírico" (pobre Bradbury) e que deve "forçar sua narrativa a mergulhar mais nas histórias", frase que releio agora cuidadosamente mas não consigo entender. A décima e última, Simone Saueressig tem um lindo nome mas ainda não a li. Causo acrescenta: "alguns que podem se profissionalizar a qualquer momento" e lá vem o Schima, Carlos André Mores etc. Mais, uma referência especial a Finisia. Para ele, estão ainda no segundo time (e eu não sei porque). Só para terminar, quero destacar o fato de que os artigos do Causo sobre autores estrangeiros (Card, por exemplo) são bons, não trazem bobagens como aquelas que destacamos acima. Naturalmente ele aproveita opiniões dos críticos estrangeiros. Não o estou acusando. É uma prática razoável e didática. Mas, seria bom que lesse nossos Sergio Milliet, Mário de Andrade, Antonio Candido, Tristão de Athayde etc. Observe-se

a modéstia e o cuidado de um Sergio Milliet em "julgar" a obra alheia e também a sua profundidade. Espero que o inteligente Causo continue "exercitando-se" nesta década e que possa, merecidamente, ser incluído nesse banking dos "Dez Melhores", mas é melhor que abandone a crítica. — André Carneiro, São Paulo - SP

R: Esta carta, como todos podem perceber, não está endereçada a mim, e sim ao Causo. As matérias assinadas são de responsabilidade do autor e ele tem liberdade para escrever o que quiser. Assim como nesta seção, o leitor escreve o que bem entende. Não entro no mérito da questão, se o Causo, ou você, André, tem razão. Esperemos que o atingido, no caso o Causo, ou alguém mais, se manifeste discordando ou ratificando sua crítica à crítica. O espaço está à disposição de todos.

- Em sua carta publicada no MEGALON nº 13, Gerson Lodi refere-se ao meu conto Invasão dos Egípcios de Marte, que saiu no nº 12, e fala de sua impressão de já tê-lo visto. De fato, ele saiu no Boletim Antares nº 39 (junho e julho de 89). O fato passou despercebido ao editor do MEGALON porque o Antares há vários anos tornou-se um fanzine de difusão quase nula fora do Rio Grande do Sul, sendo ignorado pela maioria do fandom. Não morando por lá também não sei ao certo as razões do crescente regionalismo do CFCFA, e recentemente, por falta de condições, renunciei às funções de vice-presidente deste clube e seu representante no Rio. O que eu lamento, mas fiz o que era preciso. Quanto ao MEGALON, eu já havia esquecido ter-lhe também enviado a história. Sei que os editores dos fanzines não gostam que ocorram duplicidades de publicação. Eu mantenho há anos um controle de correspondências em cadernos, vou anotando a quem escrevo e quem me escreve ou remete qualquer coisa. As remessas literárias estavam aí incluídas, misturadas com centenas de outras correspondências, daí o pouco ânimo de repassar tudo. Quando surgiu o primeiro problema (um conto saído simultaneamente no Hiperespaço e no Somnium) resolvi abrir, no caderno de correspondência,

uma página só para REMESSAS LITERÁRIAS. A primeira anotação desse tipo foi feita em 20 de abril de 1990. Tudo que eu mandei aos fanzines após isso está rigorosamente anotado com destaques. Entretanto constatei agora que isso não é suficiente, já que existem materiais, mais artigos ainda não publicados, o conto que motivou esta carta, por exemplo, seguira para o MEGALON em 21 de novembro de 89, conforme a pesquisa que fiz, portanto antes do controle mais efetivo iniciado em abril de 90. Em tempo, eu não recebera ainda o Antares 39, não sabia que o conto já estava publicado. Que fazer? Peguei todos os cadernos e fui localizando todas as remessas que fiz ao longo dos anos. Mapeei tudo, passei a limpo e agora estou remetendo as cópias aos editores de fanzines, com as minhas desculpas por qualquer contratempo. Sublinhei em amarelo o material inédito entregue ao MEGALON e ao Somnium (somente aos dois) na esperança de que os editores Marcello e Carlos Mores, por facilidade de comunicação, possam decidir entre si o destino final do mesmo. Irei também pedindo definição sobre os envios mais antigos, com vistas a liberá-los para outros fanzines, começando com Jogo Difícil, que foi entregue ao Antares em 83 e não saiu até hoje; creio que oito anos é tempo demasiado. Tudo isso dá um certo trabalho, mas é melhor do que causar mal-estar e estou motivado em aperfeiçoar meu trabalho no fandom, portanto é bom ser metódico, OK? -- Miguel Carqueija, Rio de Janeiro, RJ.

R: Ok, Miguel. Foi muito bom você me mandar sua lista de contos e artigos publicados e a publicar em nossos fanzines. Quando li que seu conto já tinha sido editado no Antares... Você já havia pisado na bola com o Carlos Mores do Somnium, com o conto Não há Vida em Marte que ele editou e já tinha saído no Hiperespaço - The Next Generation. Até brincamos, certa vez, planejando uma "geladeira" para quem enviasse seus trabalhos a mais de um zine. Um fanzine, é por excelência um local para abrir espaço e caminho a trabalhos inéditos. Não tem sentido publicar trabalhos repetidos, mesmo porque o número de fanzines nesse "fa

ndom maravilhoso" é muito pequeno. O ideal é dar um prazo ao editor do fanzine para - se aceitar, é claro - publicar seu trabalho, e depois, caso não saia, o autor fica livre para bem dispor do seu trabalho, o remetendo para outro zine. Sua lista é um ótimo exemplo a ser seguido por todos, e vou conversar com o Carlos, o que cada um de nós pretende aproveitar de sua lista, que seja comum ao MEGALON e ao Somnium. Um abraço.

- Recebi o MEGALON 13, li de um só fôlego, voltei a reler algum tempo depois o que me interessou mais e só agora após ter concluído mais algumas ilustrações "inéditas" é que te escrevo, comentando este nº e enviando algumas dessas ilustrações para provável aproveitamento. Você disse que o MEGALON 13 foi feito na raça, mas valeu, valeu mesmo! Aliás, em minha modesta participação na I InteriorCon destaquei justamente isto: o idealismo, o sangue, suor e lágrimas que se precisa verter para editar e principalmente manter um fanzine ou qualquer outra publicação alternativa. Por isto, mesmo quando me desfiz de muito do meu material de FC/Fantasia, deixando só as "obras-primas" (pelo menos sob minha ótica), como também tem feito meu amigo César, no que permaneceu como verdadeiro tesouro encontram-se e destacam-se os fanzines - Space Journal, Millenium, Century City News, Zomnium, Somnium, MEGALON, Alucinação Coletiva, Antares, Papêra, Anuário Brasileiro de FC, e, claro!, nossa saudosa Hiperespaço e seu rebento TNG. Analisando este nº 13 do MEGALON: a capa do Causo está, como sempre, ótima. Ele vem aprimorando seu estilo a cada ilustração e não é a toa que está nas páginas da IAM. O Diário de Bordo, Nacional e Internacional é a coluna que não pode faltar nunca (principalmente porque brasileiro tem uma atração toda especial por colunas tipo "gossip", como você bem o sabe!); Dos contos publicados gostei do Antichristmas do José Fernandes, que tem uma fluência quase profissional, bons diálogos e um

final bem ao gênero moderno, de deixar ao leitor a conclusão. Uma falhinha que percebi foi na parte do texto que diz: "... Do outro lado da piscina, um homem alto, magro, aparentando ter cerca de 50 anos, levantou os olhos do jornal que lia e observou os rapazes..." Mais adiante no texto ficamos sabendo que o homem estava sentado. Quer dizer, não é muito fácil se perceber a altura de uma pessoa, saber se ela é alta, vendo-a sentada. Como tas, do César, também me agradou, embora seja bastante "descritivo", digamos assim - mas o tema tratado se adequa quase que somente ao gênero descritivo. O César conseguiu ser "soft" no "hard", ou seja, mesmo sendo preciso nas informações e descrições astronômicas, emprestou um certo "calor humano" ao texto. E pelo menos contemporaneamente este é o tipo de literatura que tem agradado mais, justamente por ser mais "adulta" - embora eu não goste muito de rótulos. Um exemplo são os contos da IAM, em sua maioria comoventes, usando conhecimento de Ciências Humanas - Psicologia, Antropologia, Filosofia e Metafísica, principalmente -, mesmo sendo "hard". E foi por não perceber isto, acredito que os "clássicos" e "veteranos" como Arthur C. Clarke, se perderam, agradando mais aos jovens ou iniciantes na leitura de FC - poderíamos rotular de "literatura juvenil". Quando eu comecei a ler FC - como disse na InteriorCon - eu gostava tanto dos "hard" como dos relatos alegóricos, folclóricos e mitológicos até de Clifford Simak e outros do gênero "soft". Hoje já considero os "hard" demais entediantes e frios, e os "soft" antigos meio insossos, mais para a fantasia e realismo fantástico do que para FC. Por isto, autores como Card, Bruce Sterling e tantos que têm saído na IAM, bem como nosso Bráulio Tavares, têm me agradado tanto, pois conseguiram unir a poesia ao "hard". E se agradam a mim, penso eu, um leitor comum sem formação científica, como a maioria dos leitores brasileiros - e ousei dizer, do mundo! - é lógico que agradarão à maioria no geral. E sobre isso estive discutindo re-

centemente com o César, chegando à conclusão que o importante não tem sido muito "o quê" se escreve, mas "como" se escreve. E acho que isto deve ser discutido mais nos fanzines que são os laboratórios dos novos pretendentes a escritor, mas raramente discutem o formalismo técnico dos textos. QUE TAL INICIARMOS ESTE DEBATE NAS PÁGINAS DO MEGALON? Ache que o Bráulio, o José Fernandes, o Ivan Regina, o Flory e o Calife têm muita lenha para botar nessa fogueira, já experientes que são. Estou tentando escrever uma "análise" justamente sobre o assunto, abordando somente as IAM como exemplo e objeto de estudo. Analisarei os 10 primeiros números da revista, mostrando os contos e autores que me agradaram mais e tentando dissecar o formalismo de seus textos (por exemplo: eles têm usado e abusado de comparações para nos situar mais nos cenários, na ação e na própria psicologia dos personagens - às vezes comparações realistas e às vezes poéticas - e assim não precisam ficar "descrevendo" - portanto "interferindo" na obra onipotente e onisciente -; também não revelam um cenário ou a "personalidade" de um personagem de uma vez só ou logo no início do texto como costumam muito fazer os iniciantes e amadores; vão fazendo isto aos poucos, em pequenas e precisas doses, o que só se consegue com muita prática observação e estudo de textos). Enfim, é um assunto fascinante e como não temos escolas literárias, nem literatura especializada, só a troca de experiências é que virá enriquecer a nossa produção. Aliás, este é um dos assuntos que o Card e colaboradores tratam sempre em seu fanzine Short Form, como já tive oportunidade de ler. Vamos ver se conseguimos também tratar disto nas páginas do MEGALON e dos outros fanzines. Voltando aos comentários e a propósito do assunto acima, no conto O Vôo do Rannforrinco, do Gerson Lodi - a quem tive o prazer de conhecer na InteriorCon - há um exemplo claro das "comparações elucidativas" que mencionei. Na sentença "Muitas vezes a saudade retornava com a força de um punhal fustigando meu peito, bem próximo do coração." há a comparação poética

que, ao fazer com que associemos no cérebro as duas imagens - saudade e "punhal fustigando o peito" - o sentimento fique mais vívido, mais límpido, cumprindo assim o objetivo proposto pelo escritor que é envolver o leitor em seu texto. O Gerson tem formação de Ciências Exatas, mas está no caminho certo. Corte, do Fábio Fernandes, é bem "non sense caótico" à la K. Dick, mas no caso careceu de mais elementos; ficou parecendo apenas um trecho de uma obra maior. Vou esperar com expectativa seu primeiro romance: A Com -- preensão das Coisas. O título promete, é bem "filosófico" e sugestivo. O Relato que você fez da I Interior Con foi menos superficial que outros que já li, mas ainda espero o "artigo definitivo" sobre este acontecimento ímpar, o que talvez só o Causo conseguirá fazer. Resenhas não pode faltar e só é menos imprescindível do que Books to Look For, do Card. Lendo suas críticas a gente pode até aprender mais a como se escrever - e por conseguinte, também, a como não se escrever! Enfim, o ME GALON já está "emplacado" e só não pode agora continuar na mesmice ou alimentar polêmicas que nada acrescentam ao fandom. Vou aguardar ansioso agora pelo nº 14. Abraços do amigo. José Carlos Neves, Montes Claros - MG.

R: Caramba, sua carta é um verdadeiro artigo! Muito grato pelos elogios e apoio que você demonstra. Como fanzineiro que foi, você sabe muito bem as dificuldades, barreiras e incompreensões que sofremos para botar um zine em circulação. Muito pertinente seus comentários sobre os contos (Zé, César, Gerson e Fábio é com vocês!) e as demais seções do MEGALON. É muito útil para eu saber como vai indo o fanzine. Realmente o que vemos na FC atual é o quão pouco sentido faz as denominações hard ou soft. Elas estão presentes numa mesma obra, existem elementos sociais e técnicos numa mesma história. Mas não acho que a FC mais hard, juvenil ou mais soft, a adulta. Depende de como a história é escrita, quem a lê e em que contexto. Encontro com Rama, do Clarke, por exemplo, não é "menos adulta" que, digamos, Os Despossuídos, da Le Guin. São maneiras diferentes de ver o mundo e

explicitá-lo. Assim como A Cidade e as Estrelas, que é uma mistura técnica e sócio-filosófica não deve ser considerada como mais completa por combinar melhor elementos de ciências sociais e exatas. Pessoalmente me dou bem com hard e soft, e principalmente quando há um casamento temático entre as duas numa mesma obra. Espero que os temas para debate propostos por você se iniciem a partir desta edição. Vamos ver se os citados e outros mandam suas impressões. A ideia é essa, opinar, discutir, polemizar e debater tópicos da FC. Fica desde já a intimação para você mandar seu artigo sobre os contos e autores da IAM para o MEGALON, falou? Valeu pelas ilustrações, são muito boas. Um abraço.



Clarion

*Science Fiction &
Fantasy Writers' Workshop*

June 23rd - August 3rd, 1991

Tom Disch describes Clarion as
"the literary equivalent to boot camp."

Writers-in-residence:

Tom Disch, Tim Powers,
Karen Fowler, Ellen Kushner,
Kate Wilhelm, and Damon Knight.

Visiting Editors:

Gardner Dozois and Gordon Van Gelder.

Deadline: April 15, 1991

For more information contact :

Mary Sheridan
Lyman Briggs School
Michigan State University
East Lansing, MI 48825-1107